

MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO

o jornal como fonte
e recurso pedagógico

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro
Frank Antonio Mezzomo



Cristina Satiê de Oliveira Pátaro
Frank Antonio Mezzomo

MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO
o jornal como fonte e recurso pedagógico

**Universidade Estadual do Paraná – Unespar
Câmpus de Campo Mourão**

Reitoria

Antonio Carlos Aleixo

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Frank Antonio Mezzomo

Direção do Câmpus

Eder Rogério Stela

Diagramação e capa

Lila Pacci

Fotos – Jornal Folha do Norte do Paraná

Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder

Versão eletrônica disponível em: <http://www.fecilcam.br/culturaepoder>

Realização

Grupo de Pesquisa
**Cultura e Relações
de Poder**

Apoio



SECRETARIA DA
**CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR**



Este material, em versão eletrônica, foi distribuído gratuitamente para as escolas públicas vinculadas ao Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão

Mulheres e relações de gênero: o jornal como fonte e recurso pedagógico.
PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. Grupo
de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. Campo Mourão, 2014, 68p.

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.
Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define
a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade;
é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário
entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.*

Simone de Beauvoir, 1949

Sumário

7	Apresentação
8	Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder

Parte I: Jornal, mulher e História

11	1. Por que olhar para as relações de gênero e a mulher na sociedade?
17	2. O jornal: fonte e recurso metodológico
21	3. O Jornal Folha do Norte do Paraná
27	4. Década de 1960

Parte II: Representações da mulher no Jornal Folha do Norte do Paraná

33	5. Mulher e propaganda
43	6. Mulher e trabalho
49	7. Mulher e beleza
55	8. Mulher e família
61	9. Mulher e modelos de conduta
66	Referências

Apresentação

O livro *Mulheres e relações de gênero: o jornal como fonte e recurso pedagógico* tem como objetivo trazer discussões, materiais e atividades que possam auxiliar os docentes da Educação Básica no trabalho com temáticas relativas às mulheres e às relações de gênero, utilizando como base o Jornal Folha do Norte do Paraná. Embora o material produzido tenha como foco principal os eixos estruturantes e conteúdos da disciplina de História, as ideias aqui presentes poderão ser também utilizadas e adaptadas a outras disciplinas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em especial da área das Ciências Humanas.

Este volume foi produzido por pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão, e é parte dos resultados da investigação intitulada “Representações da mulher e relações de gênero no Jornal Folha do Norte do Paraná: estudos sobre a utilização do jornal como fonte e como recurso metodológico no ensino de História”, desenvolvida no período de 2011 a 2013 com apoio do CNPq.

No que diz respeito à temática das relações de gênero e as possibilidades de sua abordagem junto aos conteúdos da Educação Básica, a literatura tem apontado uma lacuna existente na formação de professores (VIANA; RIDENTI, 1998; MAIO; SPIRITO, 2010), de modo que a problematização de tais questões em momentos de capacitação dos docentes pode trazer importantes resultados ao trabalho desenvolvido nas escolas.

Em paralelo, os objetivos, prioridades e metas estabelecidos pelo II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2008) destacam a importância de problematização das representações de gênero, muitas vezes discriminatórias, presentes nos veículos de comunicação e utilizadas, em muitos momentos, como formas de vigilância e controle do corpo e da sexualidade das mulheres. Assume-se, nesse sentido, a necessidade de enfrentamento das diferentes formas de violência presentes na sociedade, entendendo a normatização do corpo e da sexualidade como uma violência simbólica imposta

sobre as mulheres (SOIHET, 2007), na medida em que dita regras, valores, comportamentos e papéis que, em muitos casos, reforçam as relações de desigualdade entre homens e mulheres e de dominação do feminino pelo masculino.

O material está organizado em duas partes. A primeira parte, “Jornal, mulher e História”, é composta por quatro capítulos que apresentam um embasamento teórico-metodológico acerca da utilização do Jornal Folha do Norte do Paraná (década de 1960) como fonte e como recurso pedagógico no ensino, com vistas à problematização de questões referentes à mulher e às relações de gênero na sociedade. Na segunda parte, “Representações da mulher no Jornal”, são abordadas temáticas que tangenciam as representações da mulher presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná, buscando-se compreender as características da fonte histórica no diálogo com outras pesquisas e produções acadêmicas.

No intuito de refletir sobre as possibilidades de trabalho com base no Jornal em questão e nos temas discutidos, são apresentados, ao longo de todo o livro, sugestões de atividades, textos complementares e outros materiais que podem ser utilizados pelos docentes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Cabe destacar que as propostas indicadas não esgotam as possibilidades de trabalho, e que as ideias aqui presentes podem ser adaptadas e complementadas a depender das características da turma, dos conteúdos e das necessidades de cada docente e escola.

Esperamos que o material, ao acenar alguns caminhos e questionamentos, sirva como ponto de partida para novas elaborações e problematizações quanto às relações de gênero, o papel da mulher na sociedade e, ainda, a utilização do jornal como fonte e como recurso pedagógico no ensino.

Os autores.
Janeiro de 2014.

Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder



Este material é parte dos resultados de pesquisas realizadas por membros do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder junto ao acervo do Jornal Folha do Norte do Paraná. Os trabalhos desenvolvidos, e que ainda estão em andamento, têm contado com a participação de pesquisadores e estudantes vinculados a projetos de Iniciação Científica Júnior e Iniciação Científica, com bolsas concedidas pela Fundação Araucária e CNPq, além de estudantes de graduação voluntários.

Pesquisadores

Frank Antonio Mezzomo
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

Estudantes

Adriana de Cássia dos Anjos	Jane Kelly Araújo
Amanda de Souza Ribeiro	Lara de Fátima Grigoletto Bonini
Ana Paula Zubek	Lucas Onofre
Andressa Paula	Mara Cristina de Moraes Machado
Bruno Souza Picinini	Maria Eduarda Martins de Souza
Daiana Nunes	Mariele Eloisa Pinzan
Elaine Leal Jacomel	Marina Ribeiro de Almeida
Flavia Brunetta Daboit	Valeria da Silva Almeida
Géssica Aline Silva	

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração do Programa Centro de Documentação Histórica (PROCDH) da Universidade Estadual de Maringá, que possibilitou o acesso ao acervo do Jornal Folha do Norte do Paraná. Agradecemos ainda a participação e apoio de Ricardo Fernandes Pátaro e Amanda de Souza Ribeiro na elaboração deste material.

Apoio



Parte I

Jornal, mulher e História

1

Por que olhar para as relações de gênero e a mulher na sociedade?

É certo que nem sempre as mulheres se espelharam nas imagens construídas sobre elas. E é evidente que os modelos não descrevem a realidade, esta muito mais rica e cheia de possibilidades. Entretanto, é importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos ser, agir e sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas de vida que fazem. Os discursos sobre o que é “próprio da mulher” ou qual o “seu papel” afetam também as políticas públicas, o valor dos salários, a oferta de empregos, as prescrições religiosas, os procedimentos jurídicos, a educação oferecida e até o trabalho dos cientistas de cada época. (PINSKY, 2012, p. 470).

Embora o discurso da igualdade esteja em voga e seja defendido em todos os espaços na atualidade, vivemos inegavelmente em uma sociedade na qual homens e mulheres são tratados de forma desigual.

Essa desigualdade e hierarquização entre os sexos são, em geral, justificadas por aspectos biológicos, isto é, pelo fato de homens e mulheres nascerem com algumas características específicas – tais como, por

exemplo, a capacidade de gerar e amamentar que caracteriza as mulheres (VIANNA; RIDENTI, 1998). Tal pensamento está na base do que chamamos androcentrismo.

O androcentrismo é uma forma de pensar que considera o sexo masculino como o centro do universo: os homens seriam, assim, os mais aptos para governar, definir leis, estabelecer justiça e pensar racionalmente (MORENO, 1999). Em contrapartida, as

mulheres seriam naturalmente seres da imaginação, da paixão, do desejo e fantasia, com pouca capacidade e discernimento para invenção e genialidade, ainda que venham a ter acesso às ciências e à literatura (SOIHET, 2007). Diante de tal compreensão, a inferioridade das mulheres, assim como sua submissão diante do sexo masculino, passa a ser considerada incontestável, sendo portanto de responsabilidade dos homens governar

a sociedade. São também eles – os homens – que detêm o poder, os meios de comunicação e de produção, as técnicas e a ciência (MORENO, 1999).

A visão androcêntrica é compartilhada tanto por homens quanto por mulheres, como resultado de um processo educativo perpetuado há várias gerações. As mulheres, ao compartilharem desse pensamento, aceitam – muitas vezes de forma inconsciente – as ideias discriminatórias, e são também defensoras e transmissoras dessa forma de ver o mundo.

No entanto, é necessário ter em vista que nosso comportamento e nossa forma de pensar e sentir são influenciados pelas representações que possuímos de nós e do mundo que nos cerca. De fato, não agimos com base na realidade em si, mas de acordo com a forma como compreendemos o mundo e as pessoas. Nossas representações – que balizam e organizam nosso pensamento – são construídas a partir dos modelos oferecidos pela sociedade em que vivemos, no contato com os outros e com a cultura – a partir do que nos dizem, dos julgamentos emitidos, do que se considera bom, correto, desejável.

Nesse sentido, aprendemos desde cedo que existem atividades e comportamentos destinados especificamente a cada um dos

sexos. De acordo com Moreno (1999), cada sociedade e cultura escolhem determinadas formas de atuação que compõem um modelo a ser transmitido às pessoas ao longo da história. Para a autora, “Estes padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o masculino, claramente diferenciados.” (MORENO, 1999, p. 29).

Assim, podemos verificar que as representações de homem e de mulher que são transmitidas pela sociedade contribuem intensamente para a formação dos indivíduos, trazendo modelos que cada um dos sexos deve ter como inspiração para seguir ou rejeitar. Dessa forma, tanto as mulheres como os homens trazem marcas de elementos externos que possibilitaram a criação de uma representação de si e do mundo.

Diante do exposto, ressaltamos a importância de um olhar que problematize as relações de gênero presentes em nossa sociedade. O conceito de gênero – surgido, na historiografia, na esteira de novos problemas, novos objetos e novas abordagens, menção à trilogia organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora – tornou-se oportuno para analisar a organização social e as diferenças entre os sexos, buscando enfatizar o caráter social e relacional que permeia a definição do feminino e do masculino. Nes-

se sentido, questionar as relações de gênero significa chamar a atenção para o fato de que “uma parte da humanidade estava na invisibilidade – as mulheres –, e seu uso assinala que, tanto elas quanto os homens são produto do meio social, e, portanto, sua condição é variável.” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288).

O conceito de gênero implica ainda compreender que os papéis e os comportamentos de homens e mulheres são definidos em termos recíprocos, e influenciados por fatores relacionados ao contexto histórico, social e cultural (VIANA; RIDENTI, 1998). Isso significa reconhecer que os papéis sociais associados ao gênero não são inatos ou universais e que, portanto, podem – e em muitos casos devem – ser modificados.

Assim, passa a ser possível evidenciar um sistema de relações sociais e de relações de poder os quais influenciam a construção de modelos de conduta que determinam lugares sociais, naturalizando a diferença e criando exclusões (CARVALHO, 2001).

De acordo com Soares (2006, p. 56), em nossa sociedade, as identidades de gênero têm sido conceituadas com base na dicotomia entre o público e o privado. Deste modo, enquanto o espaço público é destinado aos homens – o que garante ao sexo

masculino o desempenho de atividades remuneradas, valorizadas pela sociedade – o espaço privado é, em geral, destinado às mulheres, associadas a tarefas (não remuneradas e menos valorizadas) relativas aos cuidados com o lar e com a família. Ainda para Soares,

As mulheres são coração, os homens são cabeça, racionalidade, elementos determinantes da supremacia masculina, concretizada no exercício de atividades administrativas e de mando, e da subordinação feminina simbolizada pelo desempenho de atividades de pouca visibilidade, escondidas no recesso do lar. (SOARES, 2006, p. 56).

A delimitação dos espaços a serem ocu-

padados pelas mulheres acaba por delimitar também suas possibilidades de atuação na sociedade. Já no caso dos homens, o modelo vigente – que lhes concede poder e domínio – parece ofertar mais oportunidades e incentivar continuamente a busca por novos caminhos e conquistas.

Em vista das ideias apresentadas, podemos dizer que as representações de gênero presentes na sociedade procuram impor valores, visões de mundo e comportamentos, definindo e reforçando papéis sociais a serem desempenhados tanto por homens quanto por mulheres na vida pública e privada. Historicamente, assim como nos processos educativos voltados para as gerações atuais, as diferenças de gênero acabam por

conduzir os sujeitos a valores, crenças e visões de mundo que estabelecem, muitas vezes, relações de desigualdade entre homens e mulheres.

Do ponto de vista biológico, as diferenças de gênero se manifestam de forma evidente. O que se constata, no entanto, é que tais diferenças acabam se transformando em desigualdades e discriminação, disseminadas historicamente pela sociedade e pela cultura.

Por fim, conhecer as representações de gênero que se fazem presentes em nossa sociedade se faz oportuno para que possamos problematizar e transformar os modelos existentes, em vista da construção de relações mais justas e igualitárias.

Materiais e Atividades



Exercício

Dos filósofos gregos aos dias atuais

TEXTO 01

[...] dividimos o governo doméstico em três poderes: o do senhor, de que acaba de se tratar, o do pai e o do marido. O pai de família governa sua mulher e seus filhos como a seres livres, mas cada um de um modo diferente: sua mulher como cidadã, seus filhos como súditos.

Na ordem natural, a menos que, como em certos lugares, isto tenha sido derogado por alguma consideração particular, o macho está acima da fêmea e o mais velho, quando atinge o termo de seu crescimento, está acima do mais jovem, que ainda não alcançou sua plenitude.

Na ordem política, tal como ela existe na maior parte dos povos, obedece-se e comanda-se alternadamente. Todos os homens livres são considerados iguais por natureza e todas as diferenças se eclipsam; tanto que se torna preciso distinguir os que comandam dos seus inferiores por marcas exteriores, os hábitos e as dignidades, como disse Amasis, falando de sua bacia transformada em deus.

Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade.

Fonte: ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 29.

- Após a leitura do trecho em destaque, pesquisar materiais que refletem as influências do pensamento de Aristóteles nos dias atuais.



Sugestões de Leitura

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna, 1999.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>



Sugestão de Filme

Título: Mulheres perfeitas (Título original: The Stepford Wives)

Ano: 2004

Direção: Frank Oz

Nacionalidade: EUA

Gênero: Comédia Dramática

Duração: 93 min.

- Sugere-se elaboração de roteiro para análise do filme, buscando suscitar reflexões sobre o papel da mulher na sociedade.

Materiais e Atividades



Leitura de Texto Complementar

A Mulher nas antigas civilizações

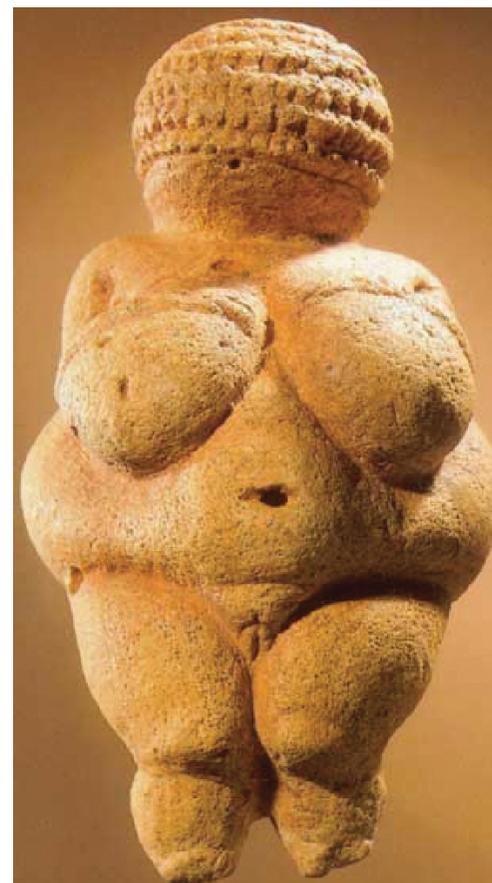
Você conhece a escultura da imagem? Ela é chamada Vênus de Willendorf e representa uma mulher. A escultura foi feita em calcário oolítico, tem aproximadamente 12 cm de altura e uma idade estimada em 30.000 anos! A estatueta foi encontrada acima do rio Danúbio, na Áustria, em 1908 e se encontra em exposição no Museu de História Natural de Viena. Acredita-se que representa uma deusa, cujo prestígio era justificado pelo importante papel desempenhado pela mulher nas civilizações antigas. As formas arredondadas e os seios fartos são símbolo da maternidade e realçados na escultura.

Na época em que foi esculpida, tanto a mulher quanto o homem eram responsáveis pela subsistência dos grupos. A partir da Revolução Neolítica desenvolveu-se um novo modelo de organização social, no qual os homens assumiram a responsabilidade de trabalhar no campo e domesticar os animais e as mulheres passaram a cuidar dos filhos, tecer roupas e desempenhar tarefas domésticas. O papel dos homens foi pouco a pouco sendo considerado mais importante e dominante na sociedade. Além disso, à medida

que a guerra ganhava importância, o papel dos homens assumiu, igualmente, uma importância cada vez maior. De acordo com Armstrong,

nas sociedades mais primitivas, as mulheres eram às vezes tidas em mais alta conta que os homens. O prestígio das grandes deusas na religião tradicional reflete a veneração ao feminino. O surgimento das cidades, porém, significou que as qualidades mais masculinas de força marcial e física foram colocadas acima das características femininas. Daí em diante, as mulheres foram marginalizadas e tornaram-se cidadãos de segunda classe nas novas civilizações [...]. O culto das deusas seria vencido, e isso seria um sintoma de uma transformação cultural característica do mundo recém-civilizado (ARMSTRONG, 1994, p. 61).

Leia mais em: ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus:** quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



Vênus de Willendorf (24.000-20.000 a.C.)
Fonte: <http://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>

2

O jornal: fonte e recurso metodológico

Ao longo do século XX, a partir das discussões impulsionadas sobretudo pela terceira geração dos *Annales*, foi-se ampliando o conceito de documento histórico, que passou a ser entendido como resultado (in)consciente das ações humanas, de modo que o pesquisador pode discutir sobre o passado utilizando-se de artefatos (i)materiais, ou, conforme Le Goff (1996, p. 540), “com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”.

Nesse movimento, o jornal passa a ser visto como uma fonte de pesquisa, que possibilita um olhar sobre as representações, os discursos e as relações de poder dos grupos sociais, influenciando a formação das identidades individuais e coletivas. No entanto, é necessário compreender que os jornais são pro-

duzidos originalmente para uma finalidade específica, constituindo-se como veículo de (in)formação e inseridos, em geral, na lógica do mercado. Nesse sentido, entende-se que a imprensa detém uma historicidade e peculiaridades próprias, devendo ser trabalhada de modo a compreender as relações entre imprensa e sociedade, bem como os movimentos de constituição e instituição do social que tal relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

Ao utilizar o jornal como fonte, e aqui a reflexão de Darnton faz-se oportuna, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de modos de vida, perspectivas e consciência histórica (DARNTON, 1990).

Dessa maneira, deve-se ter em vista suas parcialidades, propósitos e múl-

tiplas vinculações e pertencimentos (MACIEL, 2004; CRUZ; PEIXOTO, 2007; SAMARA; TUPY, 2007), entendendo-o não apenas como veículo de comunicação, mas como portador e produtor de práticas e discursos. Para tomar, portanto, o jornal como fonte é necessário conhecer o contexto de criação do periódico, sua linha editorial, os jornalistas contratados, os patrocinadores e anunciantes, no intuito de mapear os interesses e as relações de poder que permeiam a produção e circulação do periódico (SILVA; FRANCO, 2010).

Especificamente no ensino de História, o trabalho com o jornal impresso adquire relevância, sendo sua importância discutida por diversos autores (ZAMBONI, 1998; BITTENCOURT, 2004; FARIA, 2009) e também pelos documentos oficiais tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e as Diretrizes Curriculares

da Educação Básica (PARANÁ, 2008). A utilização de diferentes linguagens no ensino, no entanto, não deve ser encarada apenas a partir do viés metodológico – com vistas a motivar o aluno ou para aproximar-se dos conhecimentos cotidianos –, mas sim como compreensão epistemológica da disciplina (BRUCE; FALCÃO; DIDIER, 2006), atendendo-se para a relevância de tais materiais como fontes históricas e como elementos que influenciam os processos de subjetivação e a construção das identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a utilização de diversas fontes no ensino de História visa favorecer o desenvolvimento da consciência histórica (RÜSEN, 1992, 2001), a aproximação dos estudantes com os métodos de trabalho do historiador e o desenvolvimento da autonomia para a leitura crítica da sociedade (BITTENCOURT, 2004).

De acordo com Cruz e Peixoto (2007), as orientações dos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares para a Graduação em História, têm apontado a relevância do trabalho com diversas fontes documentais, tanto na pesquisa acadêmica quanto no ensino da disciplina. No entanto, embora esse movimento tenha incentivado a utilização das diferentes linguagens no ensino e na pesquisa, poucos são os estudos acerca dos procedimentos teórico-metodológicos necessários para o trabalho especificamente com a imprensa. Des-

se modo, os jornais acabam sendo tomados como meras fontes de informação, focando-se nos assuntos em pauta encarados, em muitos casos, de forma descontextualizada, “[...] deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa.” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 256).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica da disciplina de História (PARANÁ, 2008) indicam a relevância de se observar as especificidades na utilização de cada fonte histórica, buscando superar os usos meramente ilustrativos das diferentes linguagens. Para tanto, é fundamental que o docente atente para a relevância de cada tipo de material e dos procedimentos específicos para subsidiar as ações, com o respaldo epistemológico necessário.

.....

O Jornal Folha do Norte do Paraná foi, durante as décadas de 1960 e 1970, a principal mídia impressa da região norte do estado, de caráter comercial e de ampla circulação. Pode ser caracterizado como um periódico de temática livre (SILVA; FRANCO, 2010), com assuntos diversificados, apresentando conteúdos (in)formativos, notícias, opiniões e análises, anúncios e propagandas. Ao mesmo tempo, seus proprietários, equipe e linha editorial mantinham estreita ligação com a

Igreja Católica, de modo que o perfil do Jornal reflete, de alguma forma, a orientação sociopolítica da instituição religiosa. Assim, ao analisar as representações veiculadas no Jornal, entende-se que as questões políticas, econômicas e sociais que envolvem a região norte do Paraná são filtradas por uma perspectiva vinculada à religião. Ao mesmo tempo, essas questões, que se apresentam inicialmente na esfera regional, devem ser compreendidas tendo em vista a instabilidade política e econômica vivida no país no período estudado, além das dinâmicas próprias de um mundo em constante e intensa globalização e cuja geopolítica está marcada pelo desenrolar da Guerra Fria.

Materiais e Atividades



Sugestões de Leitura

FARIA, Maria Alice. Como usar o jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Revista Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Introdução à análise das imagens de imprensa. In: PÁTARO, Cristina; MEZZOMO, Frank.; HAHN, Fabio (orgs.). Instituições e socialidades: religião, política e juventudes. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013, p. 103-122.

SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. Revista História em Reflexão, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/941/575>

3

O Jornal Folha do Norte do Paraná

O Jornal Folha do Norte do Paraná, que representa parte do patrimônio imaterial produzido pela Igreja Católica da diocese de Maringá – sede Provincial –, constituiu-se como a principal mídia impressa da Igreja Católica na região norte do Paraná, entre as décadas de 1960 e 1970. Foi fundado no ano de 1962, pelo arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho, e teve suas atividades encerradas em 1979.

Conhecido como o Jornal do Bispo, a Folha do Norte do Paraná era o segundo maior jornal da região. Dom Jaime não tinha intenção de ganho financeiro ou político, sendo que o periódico foi criado a princípio para propagar a fé cristã, combater o jornal esquerdista de Samuel Wainer, o Última Hora, e o movimento comunista em expansão na região. Qualquer ganho financeiro, se houvesse, deveria ser encaminhado para a construção do Seminário Dio-

cesano de Maringá (ROBLES, 2007; PAULA, 2009).

O Jornal esteve em circulação em mais de 90 cidades, abrangendo sobretudo capelas, paróquias e dioceses de Campo Mourão, Paranavaí e Umuarama, pertencentes à Província Eclesiástica de Maringá, além de manter sucursais em capitais como Curitiba, São Paulo e Florianópolis.

Desde sua fundação, a Folha do Norte do Paraná teria defendido e servido aos interesses dos militares, atuando ainda contra o comunismo e em defesa da moral e dos bons costumes (PAULA, 2009). Dom Jaime pedia aos católicos que permanecessem na fé cristã para não cair no assédio dos que encorajavam mudanças políticas e econômicas em descompasso com a compressão da Igreja Católica.

Dom Jaime teria encontrado dificuldades em montar a equipe para tocar

o Jornal, ainda no início da década de 1960. Além de serem poucos os profissionais que atuavam na área, o bispo não desejava contratar os aqueles que trabalhavam no O Jornal de Maringá, a fim de não criar desentendimentos com o concorrente e, principalmente, porque desejava que a Folha do Norte fosse uma novidade, uma grande inovação em relação à imprensa na cidade de Maringá. Dom Jaime também sabia que grandes profissionais da capital, Curitiba, não trabalhariam em um jornal que estava nascendo. Assim, os primeiros funcionários da Folha do Norte do Paraná eram da própria cidade de Maringá, e tratavam-se, em sua maioria, de padres da diocese, radialistas da Cultura e Difusora e estudantes do curso científico – dentre eles Frank Silva, repórter da Cultura e que assinou até 1973 uma coluna social do jornal.

No segundo semestre de 1962, foi

lançada uma edição experimental da Folha do Norte do Paraná, sem data e expediente, composto por oito colunas, seguindo o modelo de jornal da época, títulos em caixa alta e alguns na cor azul (na capa e última página) – o que era uma novidade no interior do estado. Dentre as colunas publicadas estavam a de esportes e a Folha Feminina, esta última escrita, embora não assinada, por Irene Mota.

A edição experimental trazia uma exaltação a John Kennedy, presidente dos Estados Unidos, menção a tragédias que ocorreram pelo mundo, além de críticas ao então prefeito de Maringá, João Paulino. Grande parte



Edição experimental do Jornal Folha do Norte do Paraná, publicada no 2º semestre de 1962.

Fonte: <http://jornaldobispo.blogspot.com.br/> (PAULA, 2009).

das notícias chegava pela agência de notícias Transpress, que esteve em Maringá até 1965. Já as notícias nacionais e esportivas chegavam através do rádio.

Em 25 de setembro de 1962, foi lançada a edição de número 1 da Folha do Norte do Paraná, que não trazia grandes novidades em relação à edição experimental, com a manchete “Estação Ferroviária não tem condições para funcionar: lama”.



Jornal Folha do Norte do Paraná, primeira página (parte superior) da Edição n. 1, publicada em 25 de set. de 1962.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

No período de 1964 a 1973, o jornal esteve sob a administração de Joaquim Dutra, quando o periódico passa a ser mais dinâmico, com várias colunas assinadas, utilização frequente do recurso fotográfico, aumento na quantidade de anúncios, valorizando notícias regionais e alcançando uma tiragem diária de

7 mil exemplares. Mesmo nessa fase, a presença do discurso religioso cristão se faz presente, muita das vezes, pela voz onipresente do bispo da diocese Dom Jaime Coelho, que permaneceu como presidente-proprietário do Jornal, além de outros porta-vozes do sagrado, como padres e lideranças religiosas vinculadas a setores eclesiais, congregações e dioceses de outras regiões do Brasil (ROBLES, 2007, p. 214). Após a saída de Dutra, o jornal foi arrendado para Jorge Fregadolli e seu grupo, que manteve a mesma linha editorial até 1979, quando as atividades da Folha do Norte do Paraná foram encerradas.

Materiais e Atividades



Exercício

A imprensa no Brasil e sua modernização a partir da década de 1960

TEXTO 01

A história do Brasil é repleta de peculiaridades. Nossa Independência foi declarada pelo filho do imperador português. Passamos a maior parte do século XIX sob uma Monarquia, enquanto o resto do continente era republicano. Assim, não é de espantar que o primeiro jornal brasileiro tivesse sido publicado em... Londres. De fato, o Correio Brasiliense surgiu em 1808. Opositorista e crítico, o periódico era feito na Inglaterra, mas discutia os problemas da Colônia e atravessava o Atlântico para circular por aqui. Assim, no mesmo ano em que a Corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro fugindo de Napoleão, o jornal idealizado e realizado por Hipólito da Costa, disponível a nobres e plebeus do Novo Mundo. Estava longe de ser um beija-mão dos poderosos.

A diversidade de títulos começaria logo. A chegada da Corte mudaria radicalmente

a vida da colônia, que se torna sede da monarquia portuguesa. Às tão citadas abertura dos portos e fundação do Banco do Brasil, somou-se a menos propalada criação da Imprensa Régia, responsável, a médio prazo, pela impressão dos vários periódicos em terras brasileiras. Somente em São Paulo foram registrados cerca de 1.500 títulos no fim do século XIX. Em geral, jornais simples, com duas páginas, eles foram ganhando simpatia da população letrada. Hoje, há títulos para todos os gostos. Há jornais novos, outros que começaram a circular ainda no Império. Há revistas de informações gerais, outras voltadas a nichos específicos. Há, também, variedade de preço e formas diversas de distribuição, que vão da entrega em semáforo a domiciliar, passando pela venda em bancas. Não é de hoje que há publicações colocadas à disposição em consultórios, aviões e em

táxis. E mais recentemente a internet criou outras formas de embalar e fazer circular a informação. [...]

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.

Fonte: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: _____ (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-8.

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 02

Ao mesmo tempo em que censuravam matérias e interferiam no conteúdo da informação, os governos militares financiaram a modernização dos meios de comunicação. Isso se explica porque, para eles, essa modernização era parte de uma estratégia ligada à ideologia da segurança nacional. A implantação de um sistema de informação capaz de “integrar” o país era essencial dentro de um projeto em que o Estado era entendido como o centro irradiador de todas as atividades fundamentais em termos políticos.

A criação da Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, pode ser vista como o símbolo desse projeto. A empresa foi criada em setembro de 1965 e deu início à instalação da rede básica de telecomunicações, implantando os sistemas de micro-

ondas em visibilidade e em tropodifusão na Amazônia (nesse caso ainda não era possível a transmissão da televisão, que só chegaria à região em 1975). Em 1965 foi também criado o Ministério das Comunicações, e em 1972 a Telebrás, Telecomunicações Brasileiras S/A, empresa pública federal responsável pela coordenação dos serviços de telecomunicações em todo o território nacional. A criação da Embratel, com um plano de estações repetidoras e canais de microondas, permitiria a formação e a consolidação das redes de televisão no país. [...]

A formação de grandes redes, estimuladas pelos militares, exigia investimentos. Foi então que se assistiu à formação dos oligopólios da informação, com recursos obtidos junto ao governo. Não se deve esquecer que nos anos de regime militar a imprensa

escrita, o rádio e a televisão já dependiam fundamentalmente da publicidade para sobreviver, e que os maiores anunciantes eram os órgãos estatais. Valorizando a eficiência técnica e gerencial, o governo entregava sua publicidade aos órgãos da mídia que tinham maior capacidade de circulação.

O contraponto da tendência à concentração os meios de comunicação foi o desaparecimento de vários jornais. Alguns títulos tradicionais, jornais que haviam sido criados entre o início do século e a década de 1940, foram extintos.

Fonte: ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 15-17.

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 03

Dois fatores parecem ter sido decisivos para o processo de concentração das empresas jornalísticas: um de ordem política; outro, econômica. O primeiro está relacionado ao avanço das forças conservadoras, que passaram a controlar o país a partir de 1964. O regime militar [...] interveio diretamente na atividade jornalística (mediante leis de imprensa e profissionalização) e de impostos, subsídios e preços de insumos e matérias-primas, além disso, o Estado manipulava as verbas publicitárias dos órgãos do governo e pressionava os anunciantes a recusar determinados veículos, não simpáticos ao regime.

Do ponto de vista econômico, o processo de concentração empresarial decorreu de uma aguda crise por que passou a imprensa devido a um conjunto de fatores (alguns macroestruturais, outros conjunturais), como a queda do volume de publicidade, o desenvolvimento da televisão e os problemas com

o preço do papel de jornal.

Nos primeiros anos da década de 1960 houve uma queda no ritmo de crescimento da publicidade no Brasil, reflexo inevitável da crise política e econômica por que passava o país. Ademais, parcela da antiga receita publicitária – sobretudo aquela destinada à promoção dos produtos de grande consumo – começou a se transferir para a televisão. [...]

Frente a essa conjuntura, a modernização técnico-administrativa do jornalismo talvez tenha sido o mais decisivo elemento do êxito de alguns jornais. Apesar de todos terem sido afetados de alguma forma pela crise econômica, os maiores, mais organizados administrativamente e mais eficientes tiveram melhores condições de atravessá-las. À medida que alguns jornais se modernizavam, tornavam-se mais aptos a ganhar a corrida concorrencial, cada vez mais acirrada.

Por outro lado, com a modernização, e o

consequente aumento do custo de produção dos jornais, empresas jornalísticas que até então viviam sobretudo de venda avulsa e de assinatura passaram a depender das receitas publicitárias. As que não foram capazes de atrair anunciantes não sobreviveram no competitivo mercado que se firmava então.

Fonte: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C (orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e prática de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006, p. 430-431.

Materiais e Atividades



Exercício

Os fragmentos dos textos apresentados acima oferecem um rápido panorama sobre a história da imprensa no Brasil, sua importância na construção da identidade brasileira e sua contribuição como fonte histórica. Com base nos textos e pesquisa complementar, responder:

- Apresentar alguns fatos históricos que marcaram o processo da instalação da imprensa no Brasil desde o século XIX.
- Durante as décadas de 1960 e 1970 a imprensa brasileira teria sofrido fortes interferências políticas e econômicas. Quais influências e heranças, inclusive na sua modernização, teriam deixado para as décadas seguintes?
- Por que a imprensa pode contribuir para se conhecer a história do Brasil?

4

Década de 1960

No contexto brasileiro, a década de 1960 representa uma fase de instabilidade política e transição do período democrático para a instauração do Regime Militar, em 1964, que provocou grandes transformações na sociedade e se estendeu até meados da década de 1980.

Em paralelo, é possível perceber modificações no cenário econômico do país, e em especial no Paraná, quando começam a ser notados os primeiros passos de um processo de industrialização, de urbanização e de investimento no agronegócio. Impulsionado pelas políticas do estado, esse movimento, que atinge seu auge na década de 1970, trouxe profundas modificações nas formas de organização da sociedade.

No cenário mundial, na década de 1960 destaca-se, sobretudo todo o conflito, tensão e especulações gera-

das em função da Guerra Fria, além do movimento da contracultura que se organiza com manifestações de protesto, em especial dos segmentos juvenis, contra uma sociedade conservadora. Especificamente para as discussões acerca do gênero, os anos de 1960 representam um momento de grande relevância, com a “explosão do feminismo” (SOIHET; PEDRO, 2007), os questionamentos em torno do controle legal da procriação e a parcela cada vez maior de mulheres que ingressavam no mercado formal de trabalho (ROSA, 2009).

Com relação ao Jornal Folha do Norte do Paraná, é importante não perder de vista – conforme abordado anteriormente – que a década de 1960 engloba os primeiros anos da fundação, difusão e consolidação do jornal, que se iniciou em setembro de 1962. Durante esse período, intercalou mo-

mentos de publicação diária e semanal, assim como esteve sob a direção de membros ligados diretamente à Igreja Católica e noutros por profissionais liberais (PAULA, 2009). Ainda nesse período, o jornal manteve, em determinados momentos, sucursais nos municípios de Curitiba, Londrina e Paranaíba, além de representantes comerciais em capitais de outros estados como São Paulo e Florianópolis.

Ao lado da estruturação do jornal, salienta-se o momento eclesial pelo qual passava a recém-criada diocese de Maringá (1956): ampliação dos serviços religiosos, como organização de capelas e paróquias, institucionalização de diretrizes e normas eclesiais, definição de plano de pastoral, entre outros, e a criação da Frente Agrária Paranaense, iniciativa de Dom Jaime Coelho, cuja intenção

foi inibir a expansão do sindicalismo de inspiração comunista no norte do Paraná (DIAS; GONÇALVES, 1999). O jornal, ao que parece, é utilizado como veículo privilegiado na defesa dos interesses da Igreja e de grupos sociais da região.

No período ocorre, ainda, a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), evento intra-elesie que impulsionou profundas mudanças litúrgicas e sociais no Brasil e no mundo. Estando o Jornal Folha do Norte do Paraná vinculado à Igreja Católica, torna-se

possível identificar os ventos de renovação da Igreja oriundos de tais transformações, bem como analisar as mudanças e permanências impulsionadas pelo Concílio Vaticano II, enfatizando as possíveis inovações da Igreja Católica no Brasil.

Alguns eventos que marcaram a década de 1960 no Brasil e no mundo, retratados pelo Jornal Folha do Norte do Paraná

Concílio Vaticano II (1962-1965)



22 nov. 1962



11 jan. 1963



08 dez. 1965

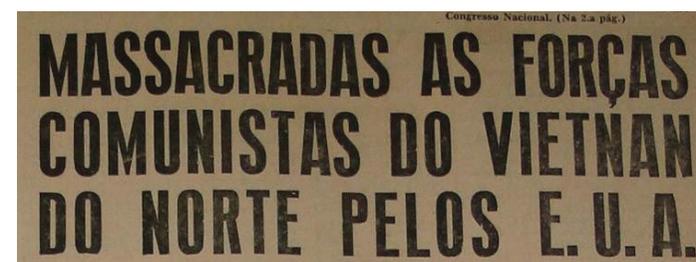
Conflitos entre Estados Unidos e União Soviética (Guerra Fria)



08 dez. 1965



25 out. 1962



06 ago. 1964



04 abr. 1968

Política no estado do Paraná e no Brasil

Ney é o Nôvo Presidente Nacional do PDC e Candidato em 1965



02 abr. 1963

Parlamentar Gaúcho Afirma:
JANGO QUER DESMORALIZAR O CONGRESSO NACIONAL E IMPLANTAR UMA DITADURA

26 mar. 1964

FOLHA DO NORTE DO PARANÁ
Emenda à Constituição Ensejará Reeleição de Castelo em 1966

16 maio 1965

Costa e Silva Assume Poder E o Brasil Começa Vida Nova

15 mar. 1967

Ney Sobre a Sucessão Estadual: PDC já Escolheu Paulo Pimentel

04 mar. 1964

Pimentel inicia moralização da Polícia

27 fev. 1966

PAULO VEM HOJE DIZER QUE CHEGOU A NOVA ERA DO DESENVOLVIMENTO

14 abr. 1967

Indústria Tem Nova Estrutura no Brasil: Costa Assina Decreto

14 ago. 1969

Parte II

Representações da mulher
no Jornal Folha do Norte do Paraná

5

Mulher e propaganda

No Jornal Folha do Norte do Paraná, as propagandas estavam dispostas ao longo de todo o caderno, em geral na parte inferior das páginas, de tamanhos variados e apresentando textos e figuras (fotografia ou desenhos). Por sua característica comercial, o Jornal trazia anúncios de diversos produtos e estabelecimentos, e de diferentes anunciantes regionais e nacionais. Uma aná-

lise das propagandas presentes no Jornal durante a década de 1960 permite identificarmos a intensificação dos processos de urbanização, industrialização e modernização pelos quais passavam o Brasil e o estado do Paraná.

Durante os primeiros anos de circulação do periódico, em 1962 e 1963, pode-se afirmar que praticamente não há propagandas direcionadas às mu-

lheres. As propagandas publicadas no Jornal são em geral referentes a veículos, serviços e peças para automóveis, máquinas, equipamentos e insumos agrícolas, cigarros, lâminas e aparelhos de barbear (que a partir de 1964 são ofuscados pelos barbeadores elétricos). As imagens a seguir ilustram o tipo de propaganda que representa esse período:



16 out. 1962



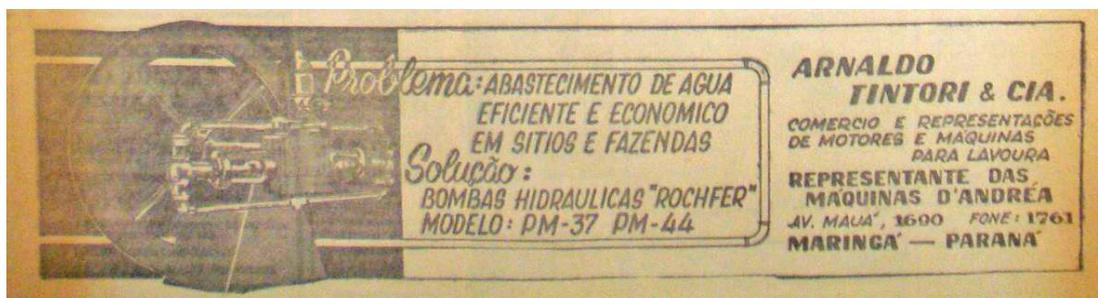
05 mar. 1963



11 dez. 1962



15 dez. 1963



20 out. 1962



19 mar. 1963

venda de produtos voltados para o homem, o “chefe de família”. A propaganda a seguir, por exemplo, faz alusão ao homem que tem a mulher (esposa) e os filhos “em suas mãos”. O anúncio, cuja intenção é comercializar um título de sócio-proprietário de um hospital, fortalece a representação da mulher enquanto mãe e dependente do marido, ao mesmo tempo em que o homem aparece como provedor e responsável pelo sustento da família.



29 nov. 1962

Com relação aos conteúdos que, de alguma forma, faziam referência à mulher, ainda nos anos de 1962 e 1963, cabe destacar que a algumas das propagandas publicadas. Nesses (poucos) casos, a imagem da mulher é sempre utilizada para reforçar a

As propagandas a seguir trazem implícita essa mesma relação de dependência. A baixa frequência de propagandas que têm a mulher como público alvo dos produtos anunciados indica ainda que, nesse período, a mulher não era tida como potencial consumidora – realidade que, ao que demonstra o Jornal Folha do Norte do Paraná, começa a se modificar nos anos seguintes.



Papai
é o
maior

Nós já compramos
o presente e

Elite
MAGAZINE

oferece o
que há
de
melhor!

Agosto
11
DOMINGO
Dia do
Papai

Av. Brasil, 3781 - Maringá

06 ago. 1963



PRESENTES
Gillette
MARCA REGISTRADA
ALEGRAM O CORAÇÃO

Natal inesquecível! Um presente Gillette renova-se todos os dias, no momento do confortável barbear! Quando você oferece um presente Gillette — lâminas ou aparelhos — você presenteia sua lembrança mais querida — presentes Gillette alegam o coração!!!

Estôjo Novo "Campeão"
Lindo estôjo plástico, com o novo aparelho Gillette "Mono-TECH" e a embalagem "Mujidos" de lâminas Gillette Azul.

22 dez. 1963

A partir dos anos de 1964 e 1965 – e cada vez com maior frequência nos anos posteriores – passam a se intensificar as propagandas comerciais publicadas no Jornal Folha do Norte do Paraná. Além de mais frequentes, é possível perceber algumas mudanças tanto no que diz respeito à produção dos anúncios quanto no que tange aos produtos e serviços divulgados. São os reflexos da modernização – inclusive da imprensa – fazendo-se cada vez mais presentes nas páginas do Jornal. Roupas, calçados e acessórios, móveis e decorações, eletrodomésticos, automóveis, discos e filmes... aos pou-

cos novos estabelecimentos comerciais e novos produtos começam a se fazer presentes nas propagandas publicadas, fazendo uso cada vez mais de imagens – fotografias, logotipos e não mais apenas textos e desenhos. Essa realidade regional está em sintonia com o contexto desenvolvimentista pelo qual passava o Brasil, com ênfase na valorização da mentalidade consumidora, na oferta de novos produtos e bens de serviços, que passam a configurar novos padrões de consumo doméstico (MELLO; NOVAIS, 2006).

Nesse contexto, é importante ressaltar que cada vez mais a mulher passa a ser alvo dos produtos comercializados e dos serviços oferecidos. As propagandas vão, aos poucos, fazendo cada vez mais uso da imagem feminina, em mensagens que têm como destinatária a própria mulher, enquanto público alvo dos anúncios publicados.

Podemos afirmar que as propagandas presentes no Jornal que são direcionadas às mulheres estão relacionadas a cuidados com o lar e os filhos, em anúncios de produtos ou serviços que se ligam ao espaço e à função destinados à mulher na sociedade.

Seu lar merece Walita de Hermes Macedo. Ofertas que são verdadeiros presentes!

tôda a linha **Walita** sem entrada mesmo ou 12 pagamentos iguais sem acréscimo!

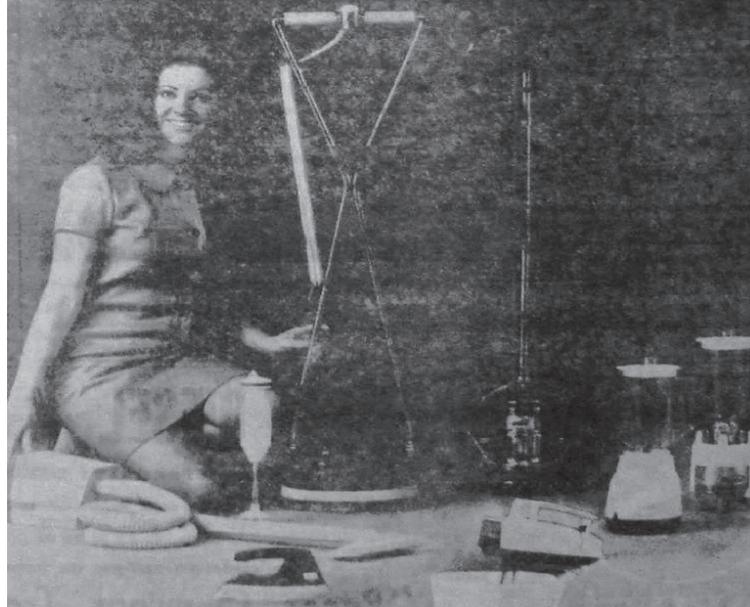
Produtos Walita para todo mundo, presentes que já estão presentes em mais de 5 milhões de lares brasileiros. Liquidificadores, batedeiras, exaustores, aspiradores de pó, Walita Mix, ferros automáticos: o que é que falta para você? **E MAIS AINDA...**

A Senhorita Walita vem de São Paulo para esta espetacular acontecimento e estará em nossas lojas, demonstrando a todos, os fabulosos produtos Walita!

É agora que você deve aproveitar!

Hermes Macedo S/A

As lojas famosas da cidade,



07 set. 1969

A propaganda traz a mulher ao lado de utensílios domésticos como liquidificador, ferro elétrico de passar roupa, enceradeira, entre outros. A mulher apresenta-se sorridente, radiante e elegante, denotando con-

tentamento diante das facilidades trazidas pelos “fabulosos produtos” que estão “presentes em mais de 5 milhões de lares brasileiros”. Ao final, a propaganda arremata: “o que é que falta para você?”.

Inaugurado Domingo o Super Mercado Cravinho



Crescemos Com o Apôio de Todos

Além do crescimento da Casa Cravinho de Maringá com uma exploração hecética o total apoio que temos recebido dos consumidores e fornecedores. Nossa frequência tem sabido reconhecer nossas condições básicas de preço, o atendimento completo e o serviço gentil que oferecemos. Inauguramos agora o nosso SUPER MERCADO CRAVINHO, no Avenida Brasil, 4.170. Continuamos assim a crescer e a contribuir para a modernização do abastecimento de Maringá e a consequente baixa do custo de vida.

Super Mercado CRAVINHO
O Super Mercado Mais Completo de Maringá
Av. Brasil, 4.170

09 abr. 1968

Já na propaganda de supermercado, podemos ver uma mulher com uma criança, escolhendo um detergente em pó na seção de produtos de limpeza. Mais uma vez, a mulher é utilizada na propaganda associan-

do sua função ao mundo privado, doméstico, onde teria a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e marido.

2 CRUZEIROS DE ENTRADA

É TUDO QUE A SENHORA PRECISA PARA PAGAR A ENTRADA DE UM FOGÃO À GÁS

Semer **Liquigas** EM **prosdocimo**



Dois cruzeiros de entrada. E o resto a sumir de vista. Fogão SEMER, o melhor fogão, com quatro bocas e amplo forno e pontual entrega automática LIGUIGAS para a Senhora pagar do jeito que quiser, mas para comprar já, em.

prosdocimo

Não perca tempo! aproveite! Fogão à gás com instalações completas, 2 cruzeiros de entrada e nada mais. Seja uma das primeiras!

● NA QUANTIDADE DE QUANTO QUISER
● NA A SA MONTA DE PRECISAR DAS COM MONTA DE INSTALAÇÃO, FAZENDO SERVIÇOS DE REPARAÇÃO E LIGUIGAS

prosdocimo

COMPRA JÁ - 2 CRUZEIROS DE ENTRADA - COMPRA JÁ - 2 CRUZEIROS DE ENTRADA

24 maio 1966

Outras propagandas, a seguir, ilustram esse movimento, que passa a ver nas mulheres um novo e promissor público consumidor.

FOGÕES É COM A **PLENOLAR**

FOGÃO ALFA LUXO
c/ cota Plenoqás
A Vista 142,00 - Mensais 8,93

FOGÃO DADO DAKORAMA
c/ cota Plenoqás
A Vista 152,00 - Mensais 8,93

FOGÃO BRASIL
Mod. Super c/ vidro
c/ cota Plenoqás
A Vista 147,00 - Mensais 8,93

FOGÃO BRASIL
c/ cota Plenoqás
A Vista 152,00 - Mensais 8,93

FOGÃO VISOBEMER II
c/ cota Plenoqás
A Vista 147,00 - Mensais 8,93

FOGÃO BRASIL
Mod. Super c/ vidro
c/ cota Plenoqás
A Vista 150,00 - Mensais 8,93

FOGÃO SEMER
Mod. Biflexor luxo
c/ cota Plenoqás
A Vista 147,00 - Mensais 8,93

FOGÃO GATELE
Mod. Semer
c/ cota Plenoqás
A Vista 145,00 - Mensais 8,93

FOGÃO BRASTENP
Mod. Príncipe
c/ cota Plenoqás
A Vista 145,00 - Mensais 22,53

BRASTENP
"INTEGRANO"
c/ cota Plenoqás
A Vista 220,00 - Mensais 43,50

WALLIG
"VISORANO"
c/ cota Plenoqás
A Vista 204,00 - Mensais 37,60

WALLIG
"HOBELIST"
c/ cota Plenoqás
A Vista 200,00 - Mensais 37,00

DADO
PALACE-HOTEL
c/ cota Plenoqás
A Vista 200,00 - Mensais 37,00

PLENOLAR
nós vendemos pelo preço que anunciamos



08 jan. 1969

...não sabe o que fazer para o almoço hoje?

A ESCOLINHA Walita ENSINA! (GRÁTIS)

Vai haver festa em sua casa com as novas, práticas e deliciosas receitas da Escolinha Walita. Pratos fáceis e econômicos de preparar, uma infinidade de saborosas sugestões para cada refeição. No fim do curso a Sra. receberá um rico recetário e o diploma de "Dona de Casa Walita"

Há poucas vagas - convide suas amigas para frequentarem juntas o curso e façam logo as inscrições.

INÍCIO DOS CURSOS:

inscreva-se na **ESCOLINHA Walita**

Local: Loja Plenolar - Av. Brasil, 3409

PLENOLAR FUGANTI
-a sua melhor amiga!

13 jun. 1967



Então seu marido gosta muito de "Pãozinho Especial"? Olhe, esta receita é maravilhosa e não falha. Mas não use um fermento qualquer. Tem que ser Fermento Sêco Fleischmann.

PÃOZINHO ESPECIAL.
 1/2 xícara água morna • 5 colh. (chá) ou 2 envelopes Fermento Sêco Fleischmann • 1/3 xícara • 2 colh. (chá) açúcar • 2 colh. (chá) de sal • 3/4 xícara leite • 1 1/2 colh. (chá) raspa de limão • 1 1/4 xícara manteiga ou margarina • 4 xícaras (800 g) farinha de trigo

MODO DE PREPARAR:
 Dissolva na água as 2 colheres de açúcar e polvilhe o Fermento Sêco Fleischmann (como se fosse casca). Deixe descansar 15 minutos. Adicione a farinha e fermento e demais ingredientes. Amasse bem até ficar completamente lizo e superiormente enfarinhado, leve a massa até que se desprenda das mãos. Coloque-a em vasilha untada, cubra-a com pano úmido e deixe-a crescer em lugar onde aquecido, livre de corrente de ar, até dobrar de tamanho (aprox. 1,50 h). Aborte a massa e, em superfície enfarinhada, dir-

vista-a ao meio. Corte cada porção em 30 pedacinhos, dando a cada um o formato de bola. Arrume 3 bolinhas em cada forma (uma arredada (7 cm x 3 cm), paqueta com gema e deixe crescer, como da primeira vez, durante 30 a 35 minutos. Assar em forno quente (200°C) por 15 a 20 minutos. Sirva os pedacinhos com manteiga ou gelado.



FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN
 Mais um produto de qualidade F&F Fleischmann-Brasil

13 jun. 1969

PERUCAS PAULO

PERUCAS DE CABELOS NATURAIS EM TODAS AS CORES. PERUCAS INTEIRAS IMPLANTADAS, RABOS, CHANEL, APLIQUES, CACHOS e FRANJAS. E A QUALIDADE V. JA CONHECE...

Os cabelos são tratados por técnicos japoneses.

Instituto de Beleza Paulo
 AV. XV DE NOVEMBRO, 916 — MARINGÁ
 — compra-se cabelos —



01 set. 1968

Senhoras e Senhoritas já Tem Onde Abastecer Seus Veículos



A SOMACO S/A, preocupada em atender bem à "toda" sua família, dispõe agora de simpática e atenciosa recepcionista. Chá, doces, brindes e sorrisos de simpatia é o que ela oferece às senhoras, senhoritas e crianças.

SOMACO S/A.

Praça José Bonifácio - Fones: 1412 - 1616

23 nov. 1968

Minha Intuição "me Diz"...

Que você vai ficar tão entusiasmada quanto eu com os calçados SINHÁ-MOÇA

Os modelos são tantos e tão bonitos que a gente nem sabe qual escolher. Mas para mim uma coisa está decidida: só uso SINHÁ-MOÇA

RUA SANTOS DUMONT, 2473 - Maringá




01 maio 1969

Ainda com relação às propagandas presentes no Jornal, ganham destaque aquelas que anunciam produtos e serviços referentes aos cuidados com a beleza e o corpo da mulher. Essa preocupação se reflete de forma cada vez mais intensa nos anúncios publicados, nos estabelecimentos comerciais que passam a se instalar nas cidades e nos

NÃO SE PREOCUPE COM O EXCESSO DE GORDURA!

A cartoon illustration of a woman in a floral dress standing on a scale. A clock in the background shows the time. The text 'NÃO SE PREOCUPE COM O EXCESSO DE GORDURA!' is at the top. At the bottom, it says 'Sauna Samuara VEM AÍ!'.

Sauna Samuara
VEM AÍ!

12 jun. 1964

produtos lançados e comercializados.

Por fim, cabe apontar que a utilização da imagem da mulher nos anúncios apresentados traz uma representação de alguém dedicada ao lar e à família, associando a figura feminina como a responsável pelos cuidados domésticos. Assim, a recorrência a esta representação parece adequada para

Agora é fácil para a Dona de Casa recolocar os azulejos

A woman is shown applying a product to a wall. The text 'Agora é fácil para a Dona de Casa recolocar os azulejos' is at the top. Below it, 'BINDA' is written in large letters, with 'fixa para sempre' in a script font. A small image shows the product packaging.

BINDA
fixa para sempre

Agora na embalagem plástica mais econômica

Com toda a facilidade e em poucos minutos a própria dona de casa recoloca os azulejos do seu lar, na varanda, cozinha ou banheiro, graças ao novo fixador BINDA, que fixa para sempre.

BINDA é um produto de qualidade SIKKA.

SIKA S. A.
Produtos Químicos para Construção

Á venda nas boas casas de materiais de construções

09 maio 1968

incentivar a venda e o consumo de produtos e serviços em que a mulher é a principal interessada. Ninguém melhor para ajudar a vender produtos domésticos do que elas, que vão comprá-los e utilizá-los em seu lar. A este respeito, Miguel (2012) afirma que essas propagandas:

apresentam um retrato da função social esperada pelas mulheres da época, função esta diretamente vinculada ao cuidado de si, ao cuidado da casa e ao cuidado dos outros, incluindo, aí, os filhos e o marido. Indicando, dessa forma, o papel social vinculado às mulheres nesta época: ser esposa e mãe. (MIGUEL, 2012, p. 222).

Sônia Boutique
Lançará Breve à

A woman is shown in a dress. The text 'Sônia Boutique Lançará Breve à' is at the top. Below it, 'Jovem Moda Super (E Ela é BaiBaia) (E é Mesmo)' is written. At the bottom, 'Avenida Brasil, 4336 - Fone 3886' is listed.

Jovem Moda Super
(E Ela é BaiBaia)
(E é Mesmo)

Avenida Brasil, 4336 - Fone 3886

14 out. 1967

Materiais e Atividades



Exercício

- Na sequência são apresentados dois fragmentos de textos de autoria de Margareth Rago e Carla Pinsky. Após a leitura, fazer uma análise das representações da mulher presentes nas propagandas das páginas 36 a 39 e responder: que relações é possível estabelecer entre as mudanças ocorridas ao longo da década de 1960 e a imagem da mulher que passa a ser veiculada nas propagandas?



Exercício

Representações da mulher nas propagandas da década de 1960

TEXTO 01

De modo geral, no momento em que a industrialização absorveu várias das atividades outrora exercidas na unidade doméstica – a fabricação de tecidos, pão, manteiga, doces, vela, fósforo – desvalorizou os serviços relacionados ao lar. Ao mesmo tempo, a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da

esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos. Os positivistas, os liberais, os médicos, a Igreja, os industriais e mesmo muitos operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas incorporaram o discurso de valorização da maternidade, progressivamente associado ao ideal de formação da identidade nacional. Nos anos 20 e 30, a figura da “mãe cívica” passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação. A imagem de Santa Maria

foi fortemente valorizada, enquanto nas artes a figura da “mulher fatal”, poderosa, ameaçadora e demoníaca, como Salomé, invadia o palco e fazia grande sucesso.

Fonte: RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 591-592.

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 02

Se o trabalho doméstico nunca é fácil, na virada do século XIX para o XX, era ainda mais pesado. Todas as tarefas cotidianas, mesmo as mais banais, tomavam muito tempo e energia: carregar lenha, acender o fogo, transportar água, processar alimentos, cozinhar, ajoelhar-se para esfregar o chão, esvaziar penicos, lavar toda a roupa (de lençóis a paninhos higiênicos) à mão, ferver, esfregar, bater, quarar, estender, passar a ferro quente com brasas, engomar... Também era preciso fazer sabão e confeccionar as vestimentas mais comuns. O pão, a manteiga, as geleias, as compotas e, frequentemente, os embutidos e os defumados eram produzidos em casa. Mesmo nas cidades, quando havia quintais, as famílias tinham galinhas, porcos e uma horta caseira – fontes importantes de alimento – sob os cuidados femininos. A “boa dona de casa” não tem preguiça, é trabalhadeira e dá conta de fazer (ou adminis-

trar) tudo isso com um sorriso nos lábios.

A medida que as casas passavam a contar com eletricidade, gás e água encanada, a vida das donas de casa objetivamente melhorava. Os ambientes ficaram mais limpos, os alimentos e a água livres de contaminação por dejetos, os móveis menos empoeirados, as roupas menos encardidas. Os lares ganharam chuveiros, privadas, descargas, lâmpadas. A pasteurização aumentou a segurança alimentar. Aos poucos, o crescimento da indústria do vestuário e o consequente branqueamento da confecção de roupas livraram as donas de casa de terem que produzi-las. Contudo, elas continuavam encarregadas dos remendos, bordados e enfeites que não só diferenciavam as roupas como exibiam, aos olhos de todos, a ventura de se ter em casa uma “mulher prendada”.

Com as novidades, a figura da “dona de casa perfeita” adquiriu sutilezas. Não basta-

va mais ter a casa limpa, era preciso também enfeitá-la com cortinas e almofadas. Já era pouco simplesmente matar a fome dos familiares, era necessário confeccionar pratos variados e mais elaborados. Não era suficiente limpar as panelas, agora elas tinham que brilhar. Louças, tapetes, vasos e bibelôs tomaram o tempo poupado de antigas tarefas domésticas que não precisavam mais ser feitas. O desempenho da dona de casa passou a ser julgado por novos critérios no momento em que a aparência do interior doméstico ganhou relevância ao se tornar uma vitrine do status da família para as visitas, os hóspedes, os colegas ou sócios do chefe da casa.

Fonte: PINSKY, C. B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 496.

Materiais e Atividades



Exercício

Propaganda e sensualidade da mulher

O apelo à sensualidade presente nas representações da mulher que emergem de determinadas propagandas parece ser utilizado como forma de chamar a atenção do homem para o produto anunciado. Segundo Beleli (2007, p. 198), “alusões à sexualidade são estímulos que prendem a atenção do consumidor.” Para Vestergaard e Schrøder (2004), a utilização da imagem feminina nas propagandas

comprova que as características femininas mais apreciadas pelos homens são o reconhecimento da inferioridade e da dependência, assim como a pronta disposição em servi-los. [...] Os anúncios de “produtos” mais comuns também atendem à predileção masculina por moças sexualmente submissas, muito embora a associação entre o produto e mulheres sensuais tenha de ser inferida pelo leitor a partir de alusões visuais ou verbais. (VESTERGAARD; SCHRØDER, 2004, p. 157).

- A partir das considerações acima, analisar a propaganda da “Cerveja Antártica” publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná em 1969. Procurar observar: quais as características que emergem da mulher representada? Qual a relação que parece se estabelecer entre ela e o homem presente na imagem?



Exercício



09 out. 1970

- A partir das considerações acima, analisar a propaganda da “Cerveja Polka” publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná em 1970. Procurar observar: quais as características que emergem da mulher representada? Qual as relações que são construídas entre ela e a cerveja anunciada?

6

Mulher e trabalho

No Brasil, segundo dados do IBGE (2012), as mulheres recebem salários cerca de 70% menor do que o dos homens, mesmo tendo o mesmo nível – ou até superior – de escolarização. Essa constatação se faz presente na atualidade, ainda que, nas últimas décadas, tenha ocorrido um importante acréscimo na quantidade de mulheres que desempenham um trabalho remunerado – as mulheres constituem 46,1% da população economicamente ativa no Brasil (IBGE, 2012). O Gráfico 1, na página seguinte, traz os dados referentes ao ano de 2011 que comprovam esta afirmação.

Assim, ainda que ingressem ao mercado de trabalho, as mulheres encontram maiores dificuldades do que os homens. Além de salários inferiores, enfrentam preconceitos para ocupar cargos de chefia e decisórios, atuar em carreiras tipicamente masculinas e são

em geral associadas a atividades que seriam mais adequadas a seus dons naturais – de afeto, cuidado, asseio – e, portanto, de menor prestígio e valorização econômica.

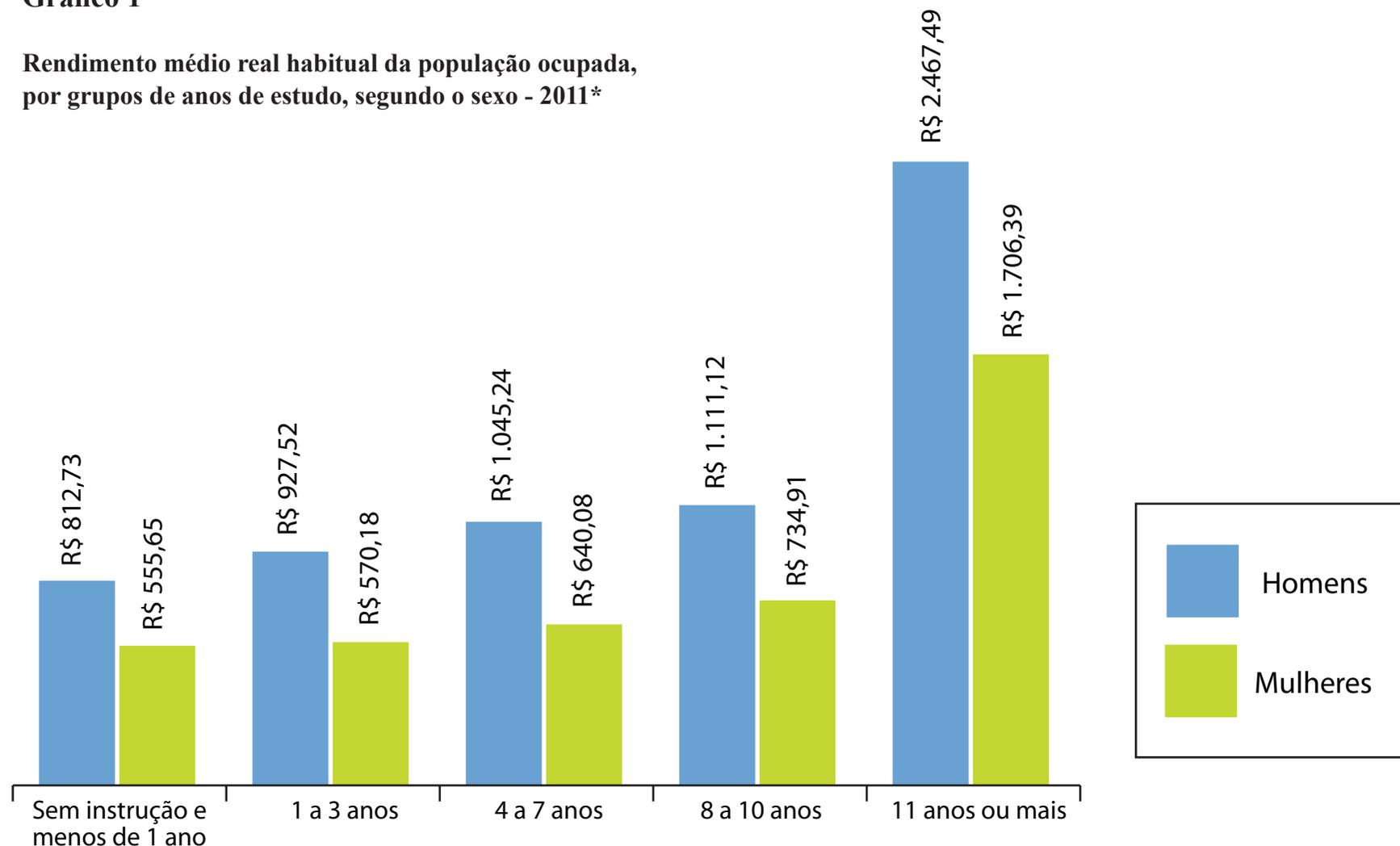
No cenário do desenvolvimento socioeconômico ocorrido no Brasil após a II Guerra Mundial, a inserção da mulher no mercado de trabalho foi se dando paulatinamente, conforme apontam Mello e Novais:

A mulher de classe média vai chegando com muito esforço à universidade, vencendo a oposição dos pais, às vezes até do noivo ou do “namorado firme”. O preconceito contra sua presença nas escolas mais importantes, de direito, medicina ou engenharia, ainda era muito grande. Natural, portanto, que se dirigisse predominante às faculdades de filosofia, com o objetivo de ingressar no professorado de ginásio, do curso clássico ou científico, uma ocupação, aliás, já transformada em feminina. Mas a maioria das moças de classe média continuava professora primária, uma “segunda mãe” do “segundo lar”, a escola. (MELLO; NOVAIS, 2006, p. 596).

No trecho acima, fica evidente que as relações entre a mulher e o espaço do trabalho formal não se dão sem conflitos e preconceitos a serem superados.

Gráfico 1

**Rendimento médio real habitual da população ocupada,
por grupos de anos de estudo, segundo o sexo - 2011***



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.

Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf

* Média das estimativas mensais.

Materiais e Atividades



Exercício

Trabalho feminino e conquista do espaço público no Brasil

- O texto a seguir trata do trabalho feminino no Brasil durante o processo de industrialização do país, em especial na primeira metade do século XX. Já o Texto 02 apresenta reflexões sobre a inserção da mulher no espaço público diante de uma sociedade andrógena. Os dois materiais possibilitam algumas reflexões acerca dos desafios enfrentados por mulheres no Brasil.

TEXTO 01

O que mais chama a atenção quando tentamos visualizar o passado da mulher trabalhadora não é o discurso de vitimização, tão enfático e recorrente na imprensa operária – que procurava, em geral, “formar” o trabalhador, conscientizando-o e chamando-o para a luta revolucionária. O que salta aos olhos é a associação frequente entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade

social. No discurso de diversos setores sociais, destaca-se a ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho. Nas denúncias dos operários militantes, dos médicos higienistas, dos juristas, dos jornalistas, das feministas, a fábrica é descrita como “antro da perdição”, “bordel” ou “lupanar”, enquanto a trabalhadora é vista como uma figura totalmente passiva e indefesa. Essa

visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da vida privada.

Fonte: RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 585.

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 02

Vimos aqui uma parcela das trabalhadoras que ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. Evidentemente, as mulheres pobres não estavam apenas nas indústrias do Sudeste. Muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedade rural. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e charutos, floristas e prostitutas. Entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz. Aos poucos, as mulheres iam ocupando todos os espaços de trabalho possíveis.

Falamos sobre a vida das operárias nas fábricas criadas no começo de nossa industrialização, momento particularmente importante para o futuro das mulheres no mundo do trabalho, no Brasil. Nesse contexto,

foram definidos códigos sociais e morais, noções de certo e de errado, assim como a legislação trabalhista que deveria reger por muitas décadas as relações de trabalho com consequências nos lares e na vida social. O espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja, desempenhando as funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos.

As autoridades e os homens de ciência do período consideravam a participação das mulheres na vida pública incompatível com a sua constituição biológica. Os argumentos criados ou reproduzidos e até as classificações preconceituosas que pregaram converteram-se em códigos que aos poucos passaram a reger as relações entre os sexos, bem como entre as diferentes classes sociais e grupos étnicos. Só muito recentemente a figura da “mulher pública” foi dissociada da imagem da prostituta e pensada sob os mesmos parâmetros pelos quais se pensa o “homem público”, isto é, enquanto ser racio-

nal dotado de capacidade intelectual e moral para a direção dos negócios da cidade. Pelo menos até a década de sessenta, acreditava-se que a mulher, sendo feita para o casamento e para a maternidade, não deveria fumar em público ou comparecer a bares e boates desacompanhada, e a política ainda era considerada assunto preferencialmente masculino.

Muitas mulheres trabalhadoras e, especialmente, as feministas, têm lutado nas últimas três décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquista dos direitos que se referem à condição de mulher. Por isso mesmo, é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente.

Fonte: RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 603-604.

Materiais e Atividades



Exercício

Mulheres e oferta de emprego

• Os anúncios a seguir trazem ofertas de emprego destinadas a mulheres durante o ano de 1965, publicados no Jornal Folha do Norte do Paraná. Quando não estavam dispersos pelas páginas das edições, tais anúncios eram publicados na seção “Avulsos”, que ocupava, em geral, o canto direito da página 5, e trazia anúncios diversos referentes a compra e venda de imóveis, veículos e outras mercadorias, além de ofertas de emprego e serviços. No material a seguir, é possível observar as ocupações que eram direcionadas explicitamente às mulheres.

29 jun. 1965

04 maio 1965

30 maio 1965

03 jun. 1965

23 jun. 1965

29 jun. 1965

08 dez. 1965

10 dez. 1965

23 dez. 1965

28 dez. 1965

- Ao analisar as ocupações e vagas disponíveis às mulheres, o que é possível observar?
- Realizar uma pesquisa nos Classificados de Jornais da atualidade, a fim de identificar quais as ocupações e vagas disponíveis às mulheres. A partir desses dados, que diferenças e semelhanças podem ser observadas em relação à década de 1960?

Materiais e Atividades



Exercício

Mulheres e oferta de emprego

Os dados da tabela a seguir são referentes ao estado do Paraná e foram obtidos a partir dos Censos realizados no Brasil nos anos de 1960 e de 2010:

		1960 *		2010 **	
		N	%	N	%
População do estado do Paraná	Homens	2.211.922	51,9%	5.128.503	49,1%
	Mulheres	2.051.799	48,1%	5.311.098	50,9%
	Total	4.263.721	100%	10.139.601	100%
		N	%	N	%
Pessoas de 10 anos ou mais de idade economicamente ativas	Homens	1.216.453	55% do total de homens	3.127.960	61% do total de homens
	Mulheres	197.007	9,6% do total de mulheres	2.460.003	46,3% do total de mulheres
	Total	1.413.460	33,2% da população	5.587.963	53,5% da população

* Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t14_pr.pdf

** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pr&tema=censodemog2010_trab

Com base nos dados da tabela, é possível afirmar que, enquanto no ano de 1960 as mulheres representavam 14% da População Economicamente Ativa do estado do Paraná, em 2010 essa parcela se amplia para 44%.

- Que fatores estão relacionados a essas transformações ocorridas nos últimos anos?
- Quais as implicações decorrentes do ingresso da mulher no mercado de trabalho?

7

Mulher e beleza

No período de 1962 a 1970, com exceção dos anos de 1965 e 1970, a Folha do Norte do Paraná manteve uma coluna feminina, publicada diariamente ou semanalmente, a depender do período. A coluna era composta, em geral, por matérias ilustradas direcionadas às mulheres. Ao longo da década de 1960, a coluna feminina do Jornal apresentou diferentes denominações e formatos:



09 nov. 1962

■ Folha Feminina

A coluna, publicada entre 1962 e 1967, era apresentada geralmente na página 6 ou 7, ocupando em torno de um quarto da página ou, em alguns momentos, a página toda. Era organizada por duas ou mais matérias, por vezes com fotos. Em alguns períodos, a coluna era diária e, em outros, semanal, publicado em geral às quintas feiras.



28 abr. 1968

Folha da Mulher

Publicada no Jornal aos domingos, apresentava, nos meses de janeiro e fevereiro de 1968, em média seis páginas, sendo a última delas destinada a histórias em quadrinhos e outras atividades para as crianças. No restante do ano, ocupava somente uma página, localizada em geral na página 08. Trazia sempre diferentes matérias com textos e muitas fotografias, além de propagandas de produtos e serviços direcionados às mulheres.



15 fev. 1969

Sua Excelência a Mulher

Durante todo o ano de 1969, foi publicada às quartas-feiras e aos sábados, ocupando em geral uma página inteira. Apresentava uma estrutura que se assemelhava a uma coluna social, e era dividida em três partes. A primeira delas, ao lado esquerdo, com o título Aconteceu, trazia matérias sobre eventos que ocorriam na sociedade, como casamentos, aniversários, desfiles de modas. Essas notas, algumas delas com fotos, davam destaque, em sua maioria, a mulheres e sua participação nos eventos sociais. A parte central da página era dedicada a entrevistas com mulheres, abordando questões sobre o nascimento da entrevistada, sua formação, seu marido, seus filhos e, para as que trabalhavam fora do lar, era também comentado sobre suas carreiras e de que forma conciliavam os cuidados com a casa, o marido e os filhos. Ao lado direito da página, existia um espaço com o nome O Mundo Feminino, onde eram publicadas notas sobre nascimento de crianças, eventos sociais, casamentos, desfiles de moda, entre outros, com conteúdo semelhante ao publicado no espaço Aconteceu.

De acordo com Vilhena, Medeiros e Novaes (2005, p. 113), “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher”. Assim, já na década de 1960, as matérias presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná salientam a associação que se faz, em geral, entre mulher e beleza, em uma relação na qual o corpo ganha destaque: é fundamental uma boa apresentação, as roupas e acessórios da moda, o corpo belo e jovem, a boa forma. Assim, vão se moldando não apenas os corpos, mas também os gestos, as condutas, os gostos, desejos e expectativas.

A muitos as aparências podem de fato enganar. — Quantos não vivem sorrindo, quando deviam chorar... Assis Mendes

FOLHA DA MULHER

DIREÇÃO: MARIA TERESA
DOMINGO: 3/3/68.
Nº 29

Emagrecer: o Grande Problema

Pílulas, dietas, receitas médicas e métodos de emagrecimento são a constante nas conversas da maioria das mulheres. A culpada: a moda. Sim. A moda exige uma silhueta esbelta, ágil, elegante e as mais gordinhas não podem seguir a física. Por isso usam de recursos os mais diversos para perder os quilinhos a mais.

Não medem, contudo, as consequências dos métodos mais rápidos e eficientes, que são os mais perigosos e prejudiciais à saúde.

A dieta resolve, mas o caso é que é necessária também a perseverança da cliente, pois o médico não pode passar a receita e dentro de uma semana garantir a perda de peso. É preciso paciência.

O desgaste de energia também contribui para o emagrecimento, pois se duas pessoas, por exemplo, comem a mesma quantidade de alimentos, uma engorda e outra não, é porque o desgaste de energias desta última é maior que o da outra.

Os produtos especiais como: alimentos prontos para dietas e adoçantes artificiais não resolvem quase nada, pois as gotas que equivalem a tantas colheres de açúcar não no mesmo. O mais certo mesmo é ser moderada ao ingerir os alimentos e controlar a “falsa fome”.

PERIGO
Garotas foram encontradas mortas, revelando o exame médico que a causa da morte teriam sido as pílulas usadas para o regime de emagrecimento rápido e imediato. Dado ao grande número de mulheres e homens que desejam emagrecer de qualquer maneira, o mais rápido possível, alguns médicos viram aí a sua chance de enriquecer e ficarem conhecidos. Transformaram-se, então, em especialistas da noite para o dia, receitando todos os tipos de drogas que podem, de um lado, ajudar o paciente a emagrecer, e de outro, ajudando o coração a ficar tão sensível à digitalina que mesmo uma pequena dose pode provocar violentos espasmos e mesmo a morte.

O jejum, a princípio muito difundido e seguido, divide-se em parcial e total. O total consiste em, uma vez por semana, passar a líquidos exclusivamente. Não comer nada sólido. O parcial compõe-se de dois ou mais alimentos apenas: uma fruta ou ovos, ou qualquer coisa equivalente.

Com o aparecimento das “drogas emagrecedoras” a dieta da pouca comida foi deixada de lado e as pílulas a substituíram perfeita e maravilhosamente, segundo as que queriam emagrecer.

O medicamento receitado é bom se usado parcimoniosamente, porém, usado em excesso e numa combinação perigosa pode tornar-se tóxico, e mesmo fatal. Os mais comuns prescritos para os obesos são as anfetaminas, que reduzem o apetite; barbitúricos, que equilibram o nervoso; que a anfetamina pode provocar; tireóide, que aumenta a queixa de alimento que o corpo ingere; digitalina, que ativa o coração (e que os peritos dizem não ter nenhuma função numa dieta de emagrecimento); diuréticos, que ajudam a eliminar a água do corpo e laxantes. Tireóide e anfetamina podem afetar o coração. Alguns diuréticos tendem a causar uma grande perda de potássio, que, por outro lado, podem fazer com que o coração fique tão sensível à digitalina que mesmo uma pequena dose pode provocar violentos espasmos e mesmo a morte.

O jejum, a princípio muito difundido e seguido, divide-se em parcial e total. O total consiste em, uma vez por semana, passar a líquidos exclusivamente. Não comer nada sólido. O parcial compõe-se de dois ou mais alimentos apenas: uma fruta ou ovos, ou qualquer coisa equivalente.

Com o aparecimento das “drogas emagrecedoras” a dieta da pouca comida foi deixada de lado e as pílulas a substituíram perfeita e maravilhosamente, segundo as que queriam emagrecer.

A maioria dos médicos mantém hoje uma equipe que cobre todo o território, em muitos países. Eles mesmos pouco aparecem, mas chegam a ganhar milhões por ano e examinam cerca de 60 pessoas por dia. (Imaginem o exame!!!).

“Desde que se trate de emagrecer, as mulheres mais sensatas ficam malucas. Elas pagam o que não importa quanto, nem ligam para o que vão receber. Naturalmente elas encorajam os charlatões que formam uma legião e que fazem uma fortuna enorme.”



03 mar. 1968

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 01

Sem dúvida, as mulheres não tinham voz para falar sobre sexualidade até os anos 70. Elas se sentiam culpadas por não terem orgasmo, não terem prazer. Poucas falavam da questão da anticoncepção. Havia um sentimento de culpa ou de cobrança. A partir da década de 80, elas passaram a se voltar mais para a sexualidade, a falar dos seus comportamentos. Isso é um fenômeno mundial. E foi nesse período também que a atividade sexual começou a ser cada vez mais precoce. Precoce não só em termos de idade, mas em relação a vínculos afetivos. Em muito pouco tempo de conhecimento entre os parceiros, já há a relação sexual, e a mulher passa a ser vítima da cobrança no que diz respeito ao corpo. [...]

Eu não acho que seja apenas a mídia. Acho que é uma política do corpo na qual a mulher começa – no movimento histórico – a se cobrar por não ter o corpo exigido pelos padrões globais e internacionais de beleza. A mulher começa a lutar pelas suas reivindicações, pelos seus cuidados. Mas também pas-

sa a ser pressionada pelo consumo, com a venda de produtos de beleza e da moda. Então, há dois movimentos: um movimento de mulheres voltadas para discutir seus direitos e sua força; e outro que utiliza a mulher para que ela sinta a necessidade de consumir muita coisa para ser aceita socialmente. A política de consumo faz com que a mulher fique erotizada. Hoje, a moda faz com que as crianças se vistam como pequenas adultas e usem objetos de consumo para se sentirem aprovadas. Na escola, a menina que não tem o tênis da moda acaba se sentindo discriminada. A questão da erotização passa também por uma necessidade de se vender produtos que valorizam o corpo de meninas e meninos. E, certamente, as roupas da moda são objetos eróticos.

Fonte: DUARTE, Albertina. A erotização, mais que uma violência, é um retorno à escravidão. In: INSTITUTO ALANA. Projeto Criança e Consumo. **Entrevistas: Erotização precoce e exploração sexual infantil**. São Paulo, 2009, p. 41-42



Exercício

Infância, moda e beleza

A matéria a seguir foi publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná, na seção Folha Feminina do dia 20 de junho de 1966:

**A ELEGANCIA COMEÇA
AGS SEIS ANOS**



Também as meninas (que são as mulheres de amanhã) desejam ser elegantes, especialmente quando devem sair a passeio e ainda mais quando devem ir visitar as amiguinhas ou ir a uma festinha, onde esperam... sobrepujar as outras com sua graça e elegância.

O vestidinho elegante para uma menina deve ter gola e punhos de renda, elementos que realçam a fragilidade e a graciosidade das anáveis criaturas de doze anos para baixo.

O vestido elegante é a primeira grande conquista das pequenas clientes da casa de costura para a infância. As meninas, de forma geral, começam cedo a interessar-se em questões de moda, embora, naturalmente, sem as implicações da gente adulta. Mas o fato é que, depois dos seis anos de idade, também a criança começa a ter "compromissos" (a escola, as visitas, os passeios etc.), para os quais surge o problema dos trajes idôneos.

A jovem mãe deverá cuidar de proporcionar à sua filhinha um tom de elegância fácil a praticar, com possibilidade de transformar os vestidos sem gastar demais. Um vestido elegante para menina é mais bonito quando tem um ar ligeiramente antiquado. Os mais graciosos são mesmos os de estilo século dezesseis, com sala um pouquinho ampla, cintura fina e renda na gola e nos punhos.

A menina deverá, além disso, levar meias brancas e sapatinhos de verniz preto, com uma borlinha de rosa ou com fivela brilhante. O penteado deverá ser macio, com os cabelos soltos nos ombros e segurados com uma bela fita de veludo, de cor contrastante com a do vestidinho.

Para as mais pequeninas, o vestidinho das festas poderá ser de veludo branco, com aplicações de rosinhas e fitas de veludo azul escuro. Para os meninos, conjunto de veludo avermelhado, com calças justas até o joelho, e uma faixa larga de raso como cinto.

Com base na leitura dos materiais apresentados:

- Fazer uma pesquisa sobre o crescimento, nos últimos anos, da divulgação e comercialização de produtos – em especial de roupas e acessórios – voltados para o público infantil.

Materiais e Atividades



Exercício

- A partir da pesquisa realizada, analisar:
 - Como e em quais circunstâncias as crianças surgem nas propagandas (ou nos produtos comercializados)?
 - Quais as influências da moda na forma de ser e agir de mulheres e homens?
 - Quais os aspectos positivos e negativos da indústria da moda na sociedade contemporânea?



Exercício

A imprensa feminina

- Selecionar dois periódicos impressos em circulação – revistas, jornais, folhetins ou encartes – voltados ao público feminino que tenham, preferencialmente, circulação regional e nacional. Com base nos periódicos da atualidade e no Jornal Folha do Norte do Paraná, analisar:
 - Apontar as continuidades e inovações apresentadas na construção dos periódicos atuais em relação ao Jornal Folha do Norte do Paraná.
 - Destacar permanências e mudanças nas representações construídas sobre a mulher no jornal e nos periódicos contemporâneos.



Sugestões de Leitura

TEXTO 01

No Brasil, a partir de 1960, as balanças da marca Filizola começaram a aparecer na propaganda impressa e a marcar presença nas drogarias do país. Era uma novidade. Até então, sabia-se o próprio peso raramente [...]. Ora, com a introdução das balanças nas drogarias, saber o próprio peso virou algo natural, um conhecimento integrado à identidade de cada um, uma necessidade. Coincidentemente, é nessa época que apareceu Metercal, um “alimento cientificamente preparado para o emagrecimento”, disponível em vários sabores. Era o começo da tentativa de casar a dieta com o prazer de comer. Fora do Brasil, a indústria de alimentos diet e light iniciava uma carreira de sucesso. Os adoçantes tornavam-se símbolos de distinção social e a marca Suita anunciou na imprensa que ninguém gostava de gordos.

Fonte: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Sempre bela”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 117.

8

Mulher e beleza

Na década de 1960, a mulher era representada como a responsável pelos cuidados com o seu lar, marido e filhos. Ela deveria manter o lar organizado, desempenhar a função de mãe, tendo ainda o dever de zelar pela educação de seus filhos.

A respeito da representação da mulher nesse período, Farias e Tedeschi (2010, p. 148) afirmam que “as características construídas e atribuídas ao feminino são aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras possibilidades e reforçando seu enclausuramento no espaço doméstico”.

Possivelmente em função da vinculação do Jornal Folha do Norte do Paraná à Igreja Católica, pode-se identificar a presença de diversos conteúdos escritos por membros ligados à Igreja, como no exemplo a seguir.

Em matéria de capa intitulada “Mãe”



12 maio 1968

(12/05/1968), Dom Jaime Luiz Coelho, arcebispo de Maringá, recorre à literatura clássica e contemporânea, além de obras produzidas por membros ligados à Igreja,

para escrever sobre o dia das mães. Pode-se afirmar que o recurso utilizado pelo Bispo ratifica uma posição de que a instituição eclesiástica, não obstante dizer-se portadora de uma mensagem universal e atemporal, deveria dialogar com a sociedade e a cultura do seu tempo, talvez impulsionado pelas implicações decorrentes das Constituições Gaudium et Spes e Lumen Gentium, produzidas durante o Concílio Vaticano II (1962-1965). Na matéria, um dos textos utilizados é o da romancista Gertrud von Le Fort, intitulado “A Mulher Eterna”, no qual se afirma que:

A mãe não é uma figura excepcional, não tem lei própria. Sua lei é o seu filho – tudo quanto tem fora de seu centro de gravidade é sempre mais ou menos impessoal [...]. Na hora do nascimento, a mãe entrega sua vida incondicionalmente em prol do filho. Depois do nascimento ela perde a disposição de sua vida para entregá-la ao filho [...] a mulher maternal é a mulher que desapareceu em seu filho. (Jornal Folha do Norte do Paraná, 12 maio 1968).

É possível verificar que a posição defendida pela Igreja Católica, ao valorizar a maternidade, traz um modelo que sinaliza a diluição da identidade da mulher e sua anulação em prol de seu filho, dedicando-se exclusivamente aos cuidados para com ele, deixando de lado seus próprios anseios e expectativas pessoais.

Nesse sentido, “As características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, como o cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, além de negar à mulher outras possibilidades, servem para enclausurá-la no espaço doméstico” (FARIAS; TEDESCHI, 2010, p. 158). Parece que é impossível dissociar a mulher de sua função de mãe, tendo em vista que a maternidade requer que ela se dedique exclusivamente à educação e criação de sua prole.

As representações da mulher, presentes no Jornal Folha do Norte do Paraná na década de 1960, fazem ainda alusão à mulher – esposa e mãe – que, segundo Sasaki (2011, p. 2) “oferecia conforto ao marido e supria todos os amores e necessidades de um ou mais filhos, sempre disposta ao perdão e sem cobrança ou reconhecimento”.

A este respeito, cabe destaque às colocações do Padre Novaes, colunista do Jornal, que afirma que, diante do arrependimento do marido infiel, cabe à mulher perdoá-lo, afinal é também uma pecadora. Em suas palavras, “É difícil para a mulher traída perdoar. Não negamos a dificuldade. E convidamo-la a contornar e vencer a

dificuldade. A oração dominical é a súplica do Perdão ao próximo, como condição para o nosso próprio perdão conquistado diante de Deus” (Pe. Novaes, 12 mar. 1963).

Desse modo, diferentes matérias do Jornal Folha do Norte do Paraná sugerem uma representação da mulher devotada ao lar, aos filhos e ao marido, cuja conduta deve estar inspirada na figura de Maria Santíssima, modelo cristão de virtude e doação. Dessa compreensão emergem prescrições direcionadas à mulher, que incidem sobre sua dedicação e doação aos afazeres domésticos, seu sacrifício e renúncia no cuidado com os filhos, e a submissão e tolerância na vida matrimonial.

Nesse sentido, é também possível notar, no Jornal, conteúdos que faziam alusão ao posicionamento contrário que parte da sociedade da época – e em especial a Igreja Católica – adotavam com relação ao divórcio. Como exemplo, temos a matéria publicada em maio de 1965, a seguir.

A coluna “Reconstruir o mundo” era publicada frequentemente no Jornal desde sua criação, em 1962, trazendo matérias escritas em geral por membros da Igreja Católica com assuntos ligados sobretudo à moralidade e à doutrina social da Igreja. Na matéria apresentada, o colunista traz reflexões fundamentadas na Bíblia Sagrada, para justificar o posicionamento contrário que a instituição religiosa assumia frente ao divórcio.

Por fim, o que fica evidente, a partir das re-



13 maio 1964

presentações da mulher presentes no Jornal na década de 1960, é que casar-se – e permanecer casada – e ser mãe eram elementos fundamentais para que a mulher fosse bem vista pela sociedade. Afinal, como afirma Sant’Ana,

Nos anos 1960, apesar da ampliação de visões alternativas, ainda era tido como altamente desejável que a mulher se casasse, tivesse filhos e pudesse se dedicar integralmente à família depois de casada. E era isso que a maioria das mães ensinava às filhas. Casamento e procriação continuavam a ser o destino da mulher; ser mãe (depois de tornar-se esposa, é claro) conferia-lhe uma posição de prestígio na sociedade, maior que qualquer outra “carreira”. Não desempenhar o papel materno seria algo como “trair a essência feminina”. (SANT’ANA, 2012, p. 24).

Materiais e Atividades



Exercício

As famílias brasileiras

TEXTO 01

A década de 50 e o início da década de 60 foram marcados pela continuidade do movimento de nuclearização da família que caracterizou as duas décadas precedentes. [...] Na década de 50, as famílias eram constituídas basicamente por pai, mãe e filhos que obedeciam ao pai, econômica e afetivamente. “Esse novo arranjo familiar consolidava definitivamente o espaço privado e o individualismo” (GALANO, 2006, p. 124). Além disso, devido à nova tendência de diminuição do número de descendentes, a partir dos anos 50 e começo dos anos 60, os casais passaram a ter uma média de três a quatro filhos, diferindo da geração anterior, que tinha muitos filhos (MONTEIRO, 1998).

No âmbito das relações sociais, começava uma nova participação social da mulher, com a ascensão do movimento feminista, a revolução técnico-científica e o desenvolvimento acelerado de novas ciências, especialmente as humanas (TRINDADE, 2001). Esses eventos ganharam espaço e foram aos

poucos conquistando o pensamento social nessas décadas, especialmente no que diz respeito às mulheres (VAITSMAN, 1994). Obviamente, as repercussões foram inegáveis para a divisão de papéis sexuais, tanto no espaço público quanto no espaço privado, incluindo o da família (CHAVES, 2006). Neste último, a mulher ainda mantinha seu papel exclusivamente voltado para a maternidade, sendo rigorosa no cuidado da casa e na educação dos filhos, complementando o papel do pai, que era quem exercia a autoridade e se responsabilizava pelo sustento financeiro do lar (SIMIONATO-TOZO & BIASOLI-ALVES, 1998). [...]

Com relação ao estado civil dos genitores das famílias das décadas de 50 e 60, a maioria era casada, e, embora as mães continuassem trabalhando em casa e o pai no ambiente profissional, os primeiros indícios de uma nova participação social da mulher começavam a surgir (VAITSMAN, 1994). De acordo com esse autor, as mães que come-

çavam a trabalhar fora do lar exerciam atividades de cuidado e educação de terceiros, condizentes com as profissões femininas que emergiam nessas décadas. Nesse contexto, a religião (católica) tinha um papel importante, sobretudo para a manutenção dos valores vigentes, e o discurso da religião confirmava e enfatizava o discurso da própria família (BIASOLI-ALVES, 2000).

Embora tenham ocorrido algumas importantes e decisivas transformações no papel feminino, foi somente no final da década de 60 que o papel da mulher se modificou expressivamente, com mudanças evidentes na família (DESSEN & BRAZ, 2005a).

Fonte: DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, número especial, p. 204-206, dez. 2010.

Materiais e Atividades



Exercício

- Após a leitura do texto em destaque, realizar uma entrevista com familiar que tenha vivido na década de 1960, buscando identificar as características dos arranjos familiares no período em questão e as mudanças que ocorreram na constituição das famílias até a atualidade.



Exercício

O processo de urbanização e as mudanças na constituição familiar nos últimos anos

Os dados da tabela a seguir são referentes ao estado do Paraná e foram obtidos a partir dos Censos realizados no Brasil nos anos de 1960 e de 2010:

		1960*		2010**	
		N	%	N	%
População do estado do Paraná – Local de residência	Zona Urbana	1.310.969	30,7%	8.906.442	85,3%
	Zona Rural	2.952.752	69,3%	1.533.159	14,7%
	Total	4.263.721	100%	10.139.601	100%
		N	%	N	%
Composição das famílias	Até 2 pessoas	110.829	13,7%	1.000.718	32,4%
	3 pessoas	117.529	14,5%	987.177	31,9%
	4 pessoas	135.871	16,8%	719.081	23,2%
	5 pessoas	118.115	14,6%	271.445	8,8%
	Mais de 5 pessoas	326.871	40,4%	115.627	3,7%
	Total de famílias	809.215	100%	3.094.048	100%

* Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t14_pr.pdf

** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pr&tema=censodemog2010_trab

- Analisar os dados da tabela acima e identificar quais as mudanças na constituição familiar nos últimos anos.
- Quais as relações que podem ser identificadas entre o processo de urbanização e as mudanças na constituição familiar?

Materiais e Atividades

Exercício

Encíclica papal Humanae Vitae

Diante das transformações ocorridas na década de 1960, a Igreja Católica intensificou os pronunciamentos que abordavam seu posicionamento diante dos métodos contraceptivos, da sexualidade, dos princípios morais no matrimônio, das mulheres e sua função na Igreja e no mundo contemporâneo. Nesse movimento, observa-se, em 1968, a publicação da encíclica de Paulo VI, *Humanae Vitae*. Segundo Carvalho (2001)

Através da ética moral proposta pela encíclica *Humanae Vitae*, fica claro que a sexualidade instituída e consagrada pela Igreja é a sexualidade conjugal, cujo exercício está circunscrito ao espaço do matrimônio, sendo este o local no qual os esposos são chamados a colaborar com Deus “na geração e educação de novas vidas”. (CARVALHO, 2001, p. 164).

- Pesquisar sobre a referida encíclica, enfatizando os posicionamentos da Igreja Católica diante das mudanças que vinham ocorrendo no Brasil e no mundo na segunda metade da década de 1960.

Exercício

A esposa ideal

A matéria publicada em 02/08/1970 no Jornal Folha do Norte do Paraná traz as características que deveriam ser observadas pela “esposa ideal”, em atendimento aos anseios e desejos de seu marido.

- Após a leitura do texto, fazer uma reflexão acerca do tipo de relação que deveria se estabelecer entre marido e esposa, justificando a análise com base em trechos do material apresentado.
- Pesquisar materiais da atualidade – filmes, livros, revistas, jornais, sites, anedotas – que:
 - Tragam implícita essa mesma relação entre o casal;
 - Questionem os valores e ideais subjacentes ao modelo apresentado na matéria.

A Espôsa Ideal

A espôsa ideal e feliz o mortal que a encontra, tem capacidade de transformar-se, segundo o homem com o qual se casou. Entretanto, há certo número de características a respeito das quais a quase totalidade dos homens está de acordo: há caprichos que eles detestam; qualidades que apreciam quase que unanimemente. Eis aqui alguns traços da espôsa modelo:

- 1 — Somente em casos excepcionais ela fica nervosa ou de mau humor.
 - 2 — Jamais fica “amuada” e de maneira alguma “aborrece” a paciência do marido.
 - 3 — Tem gênio alegre, senso de humor e fantasia.
 - 4 — Nunca faz cenas ou censuras em público.
 - 5 — Não tem obsessão pela limpeza, pelo objeto deslocado pela poltrona que está um pouco estragada, etc.
 - 6 — Quando se aproxima o fim do mês, ela “espreme” os seus recursos. Jamais censura o marido pelo fato de ele não ganhar o suficiente.
 - 7 — Após uma discussão, ela é capaz de dar o primeiro passo para a reconciliação.
 - 8 — Evita falar muito contra si mesma.
 - 9 — Ela jamais pergunta, sob qualquer pretexto: “No que está pensando?”
 - 10 — Não “examina os bolsos” do marido, nem o atormenta com suspeitas. Em uma palavra, ela não é exageradamente ciumenta.
 - 11 — Não guarda no armário uma camisa que não esteja com todos os botões sólidamente presos.
 - 12 — É capaz de se distrair com o marido.
 - 13 — Também consegue que ele se distraia com ela.
 - 14 — É capaz de deixá-lo tranquilo se perceber que ele está nervoso ou muito cansado.
 - 15 — As vezes prepara o prato que ele gosta mas que ela detesta.
 - 16 — Jamais o humilha, mesmo quando estão sozinho, sem testemunhas.
 - 17 — É carinhosa, o suficiente para satisfazê-lo totalmente, porém não para inquietá-lo.
 - 18 — Jamais dá ao marido ocasião para envergonhar-se (pelas suas tolices, sua vulgaridade, sua má administração, o aspecto do seu lar, etc.).
 - 19 — Não pensa que poderia ter sido mais feliz com outro homem ou seu primeiro amor.
- Quantas vezes você se reconheceu neste quadro incompleto, aliás?
- De 17 a 19 pontos — Que homem feliz é o seu marido!
- De 13 a 16 pontos — Ele ainda pode julgar-se privilegiado.
- De 8 a 12 pontos — Afinal de contas ele é tão perfeito assim?
- De 3 a 7 pontos — Talvez você pudesse tentar fazer um pequeno esforço.
- Menos de 3 pontos — Não nos diga que você NÃO tem um marido!

02 ago. 1970

9

Mulher e modelos de conduta

No que diz respeito às representações da mulher, de acordo com Pinsky (2012) a década de 1960 no Brasil representa a passagem da “era dos modelos rígidos”, quando se consolidam os modelos de feminilidade, para a “era dos modelos flexíveis”, quando se começa a questionar os valores do período anterior e novas referências passam a se constituir. A este respeito, Sant’Ana afirma que:

Um conjunto de mudanças ocorridas no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970 permitiu às mulheres colocar em causa estes valores e ideais: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional; o maior acesso à educação formal; a conquista feminina do poder de decidir se e quando ser mãe (com a disponibilização de métodos contraceptivos mais eficientes); a instituição do divórcio (por lei, em dezembro de 1977) e a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivos socialmente reconhecidos. (SANT’ANA, 2012, p. 24).

Apesar das mudanças que vinham ocorrendo, é possível afirmar que, ainda na década de 1960, as mulheres que fugiam do padrão de recatada, doce, virginal e pura eram menosprezadas pela sociedade e não podiam conviver com as “moças de família” (PINSKY, 2012), pois poderiam exercer má influência sobre elas. Por esses motivos, essas mulheres deveriam ser escondidas, retiradas de circulação, detidas, pois representavam um atentado à moral e aos bons costumes da sociedade.

Segundo Cunha (2001), as mulheres “são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (principalmente mães, donas de casa e esposas) e das características consideradas ‘próprias das mulheres’ englobadas no termo ‘feminilidades’ (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.)” (CUNHA, 2001, p. 202). Para a autora, as mulheres que não seguiam o modelo ideal eram hos-

tilizadas e segregadas da sociedade, pois poderiam desvirtuar as moças de família com seu comportamento pernicioso. Como afirma Soihet:

Manter-se virgem enquanto solteira e fiel quando casada era sinônimo de honra feminina, que se estendia a toda a família, significando um conceito sexualmente localizado – violência que se tornou fonte de múltiplas outras violências. Enquanto aos homens estimulava-se o livre exercício da sexualidade, símbolo de virilidade, na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza. (SOIHET, 2007, p. 42).

Nos conteúdos publicados no Jornal Folha do Norte do Paraná, é possível identificar diversas matérias que fazem referência às mulheres que fugiam ao padrão, ao modelo de feminilidade desejado e imposto pela sociedade. A matéria de capa publicada em 05/01/1963, por exemplo, traz a chamada de notícia

acerca da prisão de mulheres de “vida fácil”, “visando livrar o centro da cidade de sua presença pernicioso e atentatória à moral”.



Assim, as mulheres que não atendem ao modelo ideal da época aparecem com frequência relacionadas aos temas prostituição, vadiagem, embriaguês e trottoir – termo que designa o caminhar das prostitutas pelas ruas à espera de clientes. As matérias informam sobre a prisão dessas mulheres e as medidas que a prefeitura e a polícia de Maringá tomavam para livrar o centro da cidade da presença indesejável.

As matérias aqui representadas evidenciam a ação da polícia de Maringá e a preocupação em livrar o centro da cidade das mulhe-

res geralmente acusadas de vadiagem e de praticar trottoir. A matéria publicada em 09/02/1968 noticia a prisão de mais de 20 mulheres que foram levadas para a delegacia, advertidas e liberadas, como resultado de uma blitz realizada na madrugada, por determinação do coronel Reinaldo Machado. Já na matéria publicada em janeiro de 1969, consta que “A Polícia Maringense na sua impor-

tante campanha de moralização, vem obtendo excelentes resultados quanto à apreensão de mulheres vadias que quase publicamente, vinham praticando o ‘trottoir’ na cidade” (Jornal Folha do Norte do Paraná, 23 jan. 1969).

Com base no exposto, é possível afirmar que os conteúdos presentes no Jornal denotam uma preocupação com a moralidade e a normatização da sexualidade da mulher no espaço

público. De acordo com Soihet (2007), no período do governo militar no Brasil e início do movimento feminista no país:

Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração e, no caso de uma relação ilegítima, os homens não se sentiam responsabilizados por sua atuação, devendo àquelas arcar com o peso das consequências do seu “erro”. Afinal, “pureza” era fundamental para a mulher, e o desconhecimento do corpo representava um signo de alto valor, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era exemplar. (SOIHET, 2007, p. 43).

Polícia Prende Mulheres

Polícia Ganha terreno na Guerra à Vadiagem de Mulheres

Materiais e Atividades



Exercício

Leila Diniz e a censura prévia

A imagem abaixo retrata nota publicada no Jornal Folha do Norte do Paraná sobre Leila Diniz, na coluna social de Waldir Pinheiro.



Leila Diniz (que segundo dizem está de romance com o goleiro Ado da seleção) está sendo bastante criticada pela quantidade de palavões que tem a paciência de falar em um minuto. Mas ela não está brava porque os filmes continuam sendo feitos.

08 abr. 1970



Exercício

TEXTO 01

Embora, com o Golpe Militar de 1964, o Brasil passasse a viver seus Anos de Chumbo, sob um regime ditatorial que restringia liberdades, o movimento feminista paulatinamente ganhava força, assim como produziam eco algumas vozes rebeldes que desafiavam os valores da “tradicional família brasileira”. Em 1969, por exemplo, a atriz Leila Diniz (1945-1972) chegou a declarar-se, em uma entrevista ao jornal Pasquim, a favor do amor livre e do prazer sexual para as mulheres: “Você pode amar uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso

já aconteceu comigo.” Como era de esperar, essas afirmações provocaram a ira machista e foram usadas como bode expiatório para a instituição por parte do governo da lei de censura prévia à imprensa, apelidada de “Decreto Leila Diniz”.

Fonte: SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 23-24.

Materiais e Atividades



Exercício

TEXTO 02

O protótipo de mulher liberada no Brasil foi Leila Diniz, estrela de cinema e TV, musa de Ipanema e de uma geração de boêmios cariocas. Ex-professorinha de curso primário, Leila ganhou notoriedade em 1967 com o filme "Todas as mulheres do mundo", de Domingos de Oliveira, que a mostrou nua e esplendidamente bonita. Mas talvez bem mais do que na arte, foi na vida que a atriz desempenhou seu melhor papel. Com suas atitudes corajosas e liberais, Leila rompeu preconceitos, quebrou tabus, avançando os rígidos limites da moral vigente. Em 1971, grávida de mais de seis meses, ela ia de bi-

quíni à praia de Ipanema, uma prática hoje natural, mas que na época muitos tomaram como uma afronta à tradição, à família e à maternidade.

O maior zebu, entretanto, aconteceu em novembro de 1969, quando chegou às bancas uma edição de O Pasquim trazendo uma reveladora entrevista com Leila Diniz. Foi um estouro. Nunca uma mulher brasileira tinha falado de sexo de forma tão aberta na imprensa. Os vigilantes da moral e dos bons costumes ficaram de cabelo em pé. O curioso é que muito pouco do que Leila efetivamente falou sobre o tema saiu no jornal.

O Pasquim, que se notabilizou por publicar suas entrevistas tal e qual o entrevistado falava, sem cortes ou retoques, no caso de Leila não pode agir assim. O vasto repertório de palavrões da atriz – “cu”, “caralho”, “tesão”, “fodida” – foi substituído por asteriscos e frases inteiras foram suprimidas ou maquiadas na redação.

Fonte: ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não**: Música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 155.



Exercício

- Com base nos materiais apresentados, fazer uma pesquisa sobre a vida de Leila Diniz e os impactos e significados de seu comportamento para a época.
- Em 26 de janeiro de 1970, o presidente do Brasil publicou o Decreto-Lei n. 1.077, que trata, fundamentalmente, de determinar e monitorar a liberdade da imprensa com o pretexto de proteger a população das “exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”. A este respeito, pesquisar:
 - Por que a publicação e o conteúdo do decreto representam a dinâmica ditatorial do regime político pelo qual passava o Brasil?
 - Quais foram as principais críticas apresentadas pela imprensa e pela intelectualidade brasileira ao conteúdo do Decreto-Lei n. 1.077/70?

Materiais e Atividades



Sugestões de Leitura

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010, p. 510-553.

GOLDENBERG, Miriam. Leila Diniz e Cacilda Becker: duas trajetórias exemplares. Revista Gênero, Niterói, v. 3, n. 2, p. 57-68, 2003. Disponível em: <http://ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/02112009-012554goldenbergl.pdf>

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 16 n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

Referências

- ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não**: música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, jan./abr. 2007.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.
- BRUCE, Fabiana; FALCÃO, Lúcia. DIDIER, Maria Thereza. História(s) e Ensino de História. **Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco**, Recife, v. 22, n. 2, p. 199-207, jul./dez. 2006.
- CARVALHO, Maristela Moreira. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 159-180, 2001.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido? **Revista Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, número especial, p. 202-219, dez. 2010.
- DIAS, Reginaldo; GONÇALVES, José Henrique (orgs.). **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: Eduem, 1999.
- DUARTE, Albertina. A erotização, mais que uma violência, é um retorno à escravidão. In: INSTITUTO ALANA. Projeto Criança e Consumo. **Entrevistas**: Erotização precoce e exploração sexual infantil. São Paulo, 2009, p. 41-42. Disponível em: <http://www.infanciaideal.org.br/wp-content/uploads/2013/09/erotizacao.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FARIAS, Marcilene Nascimento; TEDESCHI, Losandro Antonio. Quando mulheres se olham ao espelho: representações da mulher ideal na revista *Servas do Senhor*. **Revista Interthesis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, jul./dez. 2010.

- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 510-553.
- GOLDENBERG, Miriam. Leila Diniz e Cacilda Becker: duas trajetórias exemplares. **Revista Gênero**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 57-68, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mulher no mercado de trabalho**: perguntas e respostas, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalho-erendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf. Acesso em: 10 dez. 2013.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 14-40.
- MAIO, Eliane Rose; SPIRITO, Carmem Alcaide. Una investigación sobre la importancia de la educación afectivo-sexual en las escuelas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, n. 3, p. 1-18, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, p. 559-658, 2006.
- MIGUEL, Raquel de Barros. Os cuidados de si e os cuidados do outro: lugares de gênero na publicidade da revista capricho (décadas de 1950-1960). **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 219-242, dez. 2012.
- MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna, 1999.
- PARANÁ. **Diretrizes curriculares da Educação Básica – História**. Secretaria de Estado da Educação, 2008.
- PAULA, Antonio Roberto de. **O jornal do bispo**: a história da Folha do Norte do Paraná, 2009. Disponível em: <http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>. Acesso em: 07 ago. 2013.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 578-606.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C (orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e prática de poder. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006, p. 426-435.
- ROBLES, Orivaldo. **A igreja que brotou da mata**. Maringá: Ed. Dental Press, 2007.
- ROSA, Rita de Cássia Vianna. **As mulheres de “Paraiburgo”**: representações de gênero em jornais de Juiz de Fora/MG (1964 a 1975). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.
- RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Argentina, n. 7, p. 27-36, out. 1992.

- _____. **Razão histórica:** teoria da história; os fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: UNB, 2001.
- SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia. **História & documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Sempre bela". In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-125.
- SASAKI, Silvia. Santos evangelhos e fotonovelas: presença religiosa nas páginas do periódico *Jornal das Moças* (1948-1965). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011.
- SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Introdução à análise das imagens de imprensa. In: PÁTARO, Cristina; MEZZOMO, Frank; HAHN, Fabio. (orgs.). **Instituições e sociabilidades:** religião, política e juventudes. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013, p. 103-122.
- SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010.
- SOARES, Guiomar Freitas. Da invisibilidade à cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero. In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2006, p. 55-61.
- SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan./jun. 2007.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.
- VESTERGAARD, Torben; SCHRÖDER, Kim. **A linguagem da propaganda.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio G. (org.). **Diferenças e preconceito na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p. 93-105.
- VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana. A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, 2005. Disponível em: <http://www.unifor.br/notitia/file/797.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.
- ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, São Paulo, 1998, p. 89-102.